



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS
CIÊNCIAS**

TAIANE MARA DE FILIPPO

***AS ABERTURAS, O MEIO-JOGO E OS FINAIS NAS
RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS DE FREUD (1911-1915):
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA***

Salvador
2007

TAIANE MARA DE FILIPPO

***AS ABERTURAS, O MEIO-JOGO E OS FINAIS NAS
RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS DE FREUD (1911-1915):
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva

Salvador
2007

D278 De Filippo, Taiane Mara.

As Aberturas, o Meio-jogo e os Finais nas Recomendações Técnicas de Freud (1911-1915):
uma análise epistemológica / Taiane Mara De Filippo. - 2007.
98 f.

Orientador : Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física; Universidade
Estadual de Feira de Santana, 2007.

1. Ciência- Filosofia. 2. Epistemologia. 3. Psicanálise. 4. Formação profissional.
I. Silva, João Carlos Salles Pires da. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física. III.
Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU – 101.1

TERMO DE APROVAÇÃO**TAIANE MARA DE FILIPPO*****AS ABERTURAS, O MEIO-JOGO E OS FINAIS NAS
RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS DE FREUD (1911-1915):
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA***

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Marcia Oliveira Moraes _____

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho _____

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Salvador (UNIFACS)

João Carlos Salles Pires da Silva – Orientador _____

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador, 30 de agosto de 2007

Para Wilson,
depois de uma odisséia o melhor é voltar para casa.

AGRADECIMENTOS

À minha família e aos meus amigos pela régua e pelo compasso!

Ao PPG em Ensino, Filosofia e História das Ciências, à CAPES – com a bolsa de demanda social – pelo apoio na concretização deste projeto. Aos professores e funcionários que tornam este Programa possível, assim como ao Prof. João Carlos que orientou minha pesquisa com belas lições de filosofia.

Aos meus mestres em psicanálise na condução de minha formação: Helson, Aurélio e Sandra, do Espaço – acolhedor - Möebius; também para Lílian, guia de meus primeiros passos; em especial à Claudete por sua escuta pontual e flutuante.

Às companheiras da Gradiva, nossa Clínica de Psicanálise, Marisa e Fernanda pela fé e paixão no inconsciente - condições deste nosso fazer diário.

Às amigas unha-e-carne Lia e Roberta - vocês são fantásticas! Só mesmo com super-poderes e nosso *Terceto fantástico* fomos capazes de ir adiante nesta *odisséia* que é a escrita de uma dissertação.

Para tio Dionicarlo, que tornou o IF mais familiar.

Para Rosa fada-madrinha e Raul pela carinhosa correção do texto.

Especialmente, aos meus pais, Ivone e Jorge, porque continuam acompanhando meus passos.

À minha irmã, Thiara, por tornar minha vida menos prosaica – as referências literárias presentes na dissertação devem-se a ela.

À minha filha, Leonora, pelos intervalos, na escrita, regados a beijos, mimos, brincadeiras e birras.

E para Wilson, companheiro acolhendo angústias e comemorando cada passo adiante nesta que foi, sem dúvida!, uma difícil *Odisséia*.

Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir fica convencido de que os mortais não conseguem guardar nenhum segredo. Aqueles cujos lábios calam denunciam-se com as pontas dos dedos; a denúncia lhe sai por todos os poros. Por isso, a tarefa de tornar consciente o que há de mais secreto no anímico é perfeitamente exequível.

Freud

As Faculdades do espírito, denominadas *analíticas* são, em si mesmas, bem pouco suscetíveis de análise. Apreciamo-las somente em seus efeitos. O que delas sabemos, entre outras coisas, é que são sempre, para quem as possui em grau extraordinário, fonte do mais intenso prazer. Da mesma forma que o homem forte se rejubila com suas aptidões físicas, deleitando-se com os exercícios que põem em atividade seus músculos, exulta o analista com essa atividade espiritual, cuja função é destrinçar enredos. Acha prazer até mesmo nas circunstâncias mais triviais, desde que ponham em jogo seu talento. Adora os enigmas, as adivinhas, os hieróglifos, exibindo nas soluções de todos eles um poder de *acuidade*, que, para o vulgo, toma o aspecto de coisa sobrenatural. Seus resultados, alcançados apenas pela própria alma e essência do método, têm, na verdade, ares de intuição.

Edgard Allan Poe

RESUMO

Partindo de uma análise epistemológica, esta pesquisa pretendeu compreender a exigência freudiana da psicanálise como ciência e as implicações nascidas desta exigência. Também foi o propósito desta investigação apresentar a jovem ciência freudiana e seu fundador como tradutores da modernidade. Deste modo, esta análise recolheu imagens que pudessem assegurar esta construção moderna. Com a analogia clássica de Freud entre a técnica psicanalítica e o jogo de xadrez, comprometida com o tema da cientificidade da psicanálise e com a questão da formação de analistas, foi possível analisar os artigos sobre a técnica escritos no período de 1911 a 1915. Este exame dos textos técnicos pretendeu alcançar três objetivos. O primeiro deles consistiu em examinar o que havia de essencial nos procedimentos de *abertura* de uma análise. O segundo objetivo apontou o reconhecimento da necessidade do “*estudo diligente das partidas dos mestres*”, para preencher as lacunas na formação de um analista. Reconhecendo, deste modo, a cena analítica como uma *arte do meio jogo* que tem como característica elementar um movimento de resistência à mecanização de sua técnica com o manejo da transferência. Por último, com o *final* de análise percebeu-se que, ao fundar uma nova ciência, era de um novo lugar, de outro discurso que Freud falava. Conseqüentemente, constatou-se a demanda, erigida por este novo discurso, de um modo peculiar para formação de seus discípulos. Indicou-se a inclusão da psicanálise no projeto maior de uma ciência psicológica. De modo que por esta via de análise dos textos técnicos, esta dissertação se caracterizou por um trabalho epistemológico, a partir de uma leitura de filosofia da ciência, ou melhor, como um exame da psicanálise como possível ciência.

Palavras-chave: Filosofia; Epistemologia; Freud; Psicanálise; Técnica psicanalítica; Formação profissional.

RESUME

A partir d'une analyse épistémologique, cette recherche a prétendu comprendre l'exigence freudienne de la psychanalyse comme science et quelques implications. De même, c'était le propos de cette investigation présenter la nouvelle science freudienne et son fondateur comme traducteurs de la modernité. C'est ainsi, l'analyse a recueillie des images qu'on peut assurer cette construction moderne. Avec une analogie classique de Freud, a propos de la technique psychanalytique et le jeu d'échecs, compromettant avec le sujet de la psychanalyse comme science et aussi avec la question de la formation des analystes, c'était possible analyser les articles techniques, dans le période de 1911 et 1915. Cet examen a prétendu trois objectifs. Le premier a consisté sur l'examen de ce qu'était l'essentiel dans les processus de *l'ouverture* d'une analyse. Le deuxième objectif a ponctué le reconnaissance du besoin de "*l'étude diligent de les parties du maître*", pour comprendre les trous dans la formation de l'analyste. On a reconnu, de cette façon, la scène analytique comme *le milieu de partie* qui a comme caractéristique élémentaire le mouvement de résistance pour mécaniser sa technique avec l'usage du transfert. Pour la fin, avec le *final* de l'analyse on a perçu que comme une nouvelle science c'était d'une nouvelle place, d'un nouveau discours sur lequel Freud a parler. Donc, on a constaté la demande, ériger par cet nouveau discours, d'une façon particulier pour la formation de sons disciples. On a indiqué l'inclusion de la psychanalyse dans le projet plus grand d'une science psychologique. De cette façon, pour cette voie d'analyse de l'articles techniques, cette dissertation était caractérisé de même q'un travail épistémologique, a partir d'une lecture philosophique de la science, ou plutôt, un examen de la psychanalyse comme une possible science.

Mots-clés: Philosophie; Épistémologie; Freud; Psychanalyse; Technique psychanalytique; Formation professionnelle.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 10

As Recomendações Técnicas em Freud (1911-1915): as *aberturas*, o *meio-jogo* e os *finais*

CAPÍTULO 1 25

As *aberturas*: recomendações sobre o cerimonial de entrada em análise

CAPÍTULO 2 52

A *arte do meio jogo*: elementos de resistência à mecanização da técnica

CAPÍTULO 3 70

O *final de análise*: a morte do rei

CONSIDERAÇÕES FINAIS 89

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 94

Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

O Alienista
Machado de Assis

APRESENTAÇÃO

As Recomendações Técnicas em Freud (1911-1915): as *aberturas*, o *meio-jogo* e os *finais*

Quem desejar aprender nos livros o nobre jogo do xadrez logo descobrirá que somente as aberturas e os finais permitem uma descrição sistemática exaustiva, enquanto a infinita variedade de movimentos após a abertura desafia uma tal descrição. Apenas o estudo diligente de partidas dos mestres pode preencher a lacuna na instrução. As regras que podemos oferecer para o exercício do tratamento psicanalítico estão sujeitas a limitações parecidas.¹

Embora Freud não fosse um enxadrista – ele costumava, sim, jogar *tarock*² nos sábados à noite – a analogia com o xadrez remete ao ambiente vienense do início do século XX. E revela Freud como herdeiro de uma cultura que fazia do nobre jogo do xadrez um passatempo³. Todavia, avançando no texto freudiano, parece-nos adequado manter a analogia acima citada, com o jogo do xadrez, nesta análise epistemológica dos textos que tratam das recomendações de Freud quanto à técnica psicanalítica. Seguindo as *aberturas*, o *meio jogo* e os *finais*, próprios de uma partida de xadrez, pensamos criar um fio condutor que permita reconhecer uma unidade, um conjunto nestes textos sobre a técnica.

¹ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 153.

² Uma espécie de jogo de cartas que utilizava as cartas do *tarô*. Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. p. 286.

³ Peter Gay reproduz uma correspondência de Freud, onde ele testemunha sua ligação com o jogo de xadrez: “Entrego-me a minhas fantasias, jogo xadrez, leio romances ingleses; tudo o que é sério continua proibido”. GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. p. 136.

Por *aberturas*, nosso primeiro capítulo, entendemos os procedimentos iniciais, as condições de um certo cerimonial, descritas por Freud para a realização de uma análise. Nos textos *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise* (1911), *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912) e *Sobre o início do tratamento* (1913), somos iniciados nas regras de conduta deste cerimonial.

Na *arte do meio jogo*, como segundo capítulo, reconhecemos o momento de recorrer à teoria, dada a ausência de procedimentos específicos, decorrente da “*infinita variedade de movimentos*” possíveis após a abertura. Percebemos, também, a necessidade de incluir a análise de alguns dos casos clínicos publicados, apontando, com eles, o quanto a prática de Freud foi imprescindível para a escrita de suas recomendações. Ainda no capítulo segundo, somos conduzidos à discussão acerca da diferença entre *arte e técnica*, revelando o lugar da psicanálise enquanto produção da modernidade. Assim, em *A dinâmica da transferência* (1912), *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915), Freud revela, enquanto aborda a técnica, a teoria psicanalítica em dois de seus fundamentos, a saber: Transferência e Repetição⁴.

Curiosamente, os *finais*, que deveriam permitir uma descrição sistemática exaustiva, não recebem o mesmo tratamento dispensado às *aberturas* nos seis textos mencionados. Freud aborda a questão do tempo de duração do tratamento, mas omite questões mais específicas sobre o fim de análise e a cura dos pacientes. Incluiremos, portanto, em nossa análise epistemológica da técnica psicanalítica, mais um texto, *Análise Terminável e Interminável* (1937), quando tratarmos dos *finais* em nosso terceiro capítulo.

Circunscrevemos nossa pesquisa ao conjunto dos textos técnicos apresentados na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* – ESB,

⁴ J. Lacan, no *Seminário XI*, definiu como sendo quatro os conceitos fundamentais da teoria psicanalítica: *Inconsciente, Repetição, Transferência e Pulsão*.

como *Artigos sobre Técnica*. Sabemos que a formação deste conjunto de seis textos⁵ não se tratou de uma escolha arbitrária do editor inglês James Strachey. Eles haviam sido agrupados por Freud, “quando os republicou como parte de sua quarta série das *Sammlung Kleiner Schriften zur Neuroselehre* (1918)”.⁶ O próprio Strachey elabora uma lista contendo uma quantidade maior de textos que tratam da técnica ao final dos seis artigos, em um Apêndice, incluindo *Análise Terminável e Interminável* (1937). Mas, curiosamente, verificamos que a edição francesa⁷ contempla mais cinco textos além dos escolhidos⁸ para o conjunto apresentado na edição inglesa, e, por conseguinte, na edição brasileira⁹; e que, na edição alemã¹⁰ não há nenhuma seleção prévia. Os textos seguem apenas a ordem cronológica de sua publicação, sem formar qualquer conjunto, e assim também aparecem na edição espanhola¹¹.

A nossa escolha pelo conjunto limitado aos seis textos da *ESB*, se justifica tendo em vista ter sido este um agrupamento realizado pelo próprio Freud, bem como por nosso tempo também limitado para pesquisa. Além disto, notamos, nesses textos, um Freud preocupado em traçar limites para a cientificidade da psicanálise. Ele buscava, através de uma técnica apropriada, circunscrever uma prática e uma teoria que fossem reconhecidas por seu estatuto científico. Notamos, também, que este período de 1911 a 1915 foi bastante fértil em questões de demarcação da psicanálise e formação de analistas. Estes temas pareciam estar na ordem do dia, o que torna este período ideal para nosso propósito nesta pesquisa, neste percurso de reconhecimento da disciplina psicanalítica enquanto discurso científico.

Deste modo, nossa pesquisa pretende revelar a função da técnica psicanalítica, função de costura entre uma prática e uma teoria para a fundação desta nova ciência. Com esta

⁵ Os motivos do agrupamento são informados na Introdução do editor inglês. Cf. FREUD, S. *Artigos sobre técnica*. *ESB*. Vol. XII. p. 111-5.

⁶ JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. vol. II. p. 238.

⁷ FREUD, S. *La technique psychanalytique*. Paris: PUF.

⁸ Traduzidos na *ESB*, com os seguintes títulos: *Sobre a psicoterapia* (1905); *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica* (1910); *Psicanálise “Silvestre”* (1910); *Fausse reconnaissance (déjà raconté) no tratamento psicanalítico* (1914); *Linhas de avanço na terapia psicanalítica* (1919).

⁹ Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Ed.

¹⁰ *Gesammelte Werke*, Londres: Imago.

¹¹ *Obras Completas de Sigmund Freud*, Madri: Biblioteca Nueva.

imagem, de uma costura, pretendemos dar o sentido de um fazer diário, que é a psicanálise, demonstrando que cada um dos três elementos funciona, em dado momento, como ligação para os outros dois, sem hierarquizá-los, o que pretendemos exibir, nesta pesquisa, é a centralidade da técnica quando temos que pensar como prática e teoria podem agrupar-se¹². Pois, como afirma Althusser: “*Este conjunto orgânico prático (1), técnico (2), teórico (3) lembra-nos a estrutura de toda disciplina científica. Formalmente, o que Freud nos dá possui, na verdade, a estrutura de uma ciência*”.¹³

Então, seguindo a assertiva de Althusser, passamos a analisar agora, *A História do Movimento Psicanalítico* (1914), um importante testemunho das urgências de Freud neste período de nossos *Artigos sobre Técnica*. Urgências que serão reveladas ao longo de nossa pesquisa que está assentada sob dois objetivos principais: 1) verificar em Freud o projeto de fundar uma nova ciência e, conseqüentemente, 2) examinar, através de uma análise epistemológica, as condições de possibilidade para tal projeto freudiano. Para tanto, a história da psicanálise, focalizada no período dos textos escolhidos, servirá de apoio aos dois objetivos destacados acima.

Este texto, *A História...*, narra a história da psicanálise em três seções. Na primeira, o autor esclarece sua autoria, aponta influências sobre as descobertas iniciais e enuncia os pressupostos básicos que dão à nova ciência sua especificidade. A segunda seção é dedicada ao avanço das descobertas da psicanálise e sua difusão pelo mundo. E na terceira há um exame dos principais dissidentes até aquele momento, Adler e Jung. Ao primeiro, Freud dedica um espaço considerável de sua escrita, para combater aquilo que divergia de sua jovem ciência, e merecia ser chamado de outra coisa. Para Jung as palavras dedicadas às divergências teóricas têm menor peso, se comparadas àquelas dedicadas à condenação de um traidor, daquele que fora um herdeiro.

¹³ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*. p.53

“Tempos de guerra” – assim é definido, por Freud, este período de dissidências. Extraindo elementos do texto e de suas biografias¹⁴, percebemos que, neste período, o movimento psicanalítico encontrava um ambiente muito diferente daquele dos primeiros anos, que haviam sido anos de solidão. Discípulos em torno da nova ciência freudiana estavam a surgir nos quatro cantos do mundo. E, por causa deste movimento de aceitação da psicanálise, de seus discípulos, Freud julga necessário instituir, em 1910, a *IPA – Associação Internacional de Psicanálise*. Mas tempos de guerra, também, porque 1914 é o ano da deflagração da Primeira Grande Guerra. Freud passa a se referir a este texto como “a bomba”.¹⁵ Ele foi publicado semanas antes da guerra e serviu, em relação ao movimento psicanalítico, como ponto final para as relações desgastadas daquele momento.

Freud inicia seu relato d’*A História...* com uma declaração beligerante. Afinal, tratava-se de tempos de guerra. Neste texto de 1914, ele pretende, portanto, evidenciar sua autoria e sua autoridade dizendo:

Não é de estranhar o caráter subjetivo desta contribuição que me proponho trazer à história do movimento psicanalítico, nem deve causar surpresa o papel que nela desempenho, pois a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela, e todo desagrado que o novo fenômeno despertou em meus contemporâneos desabou sobre a minha cabeça em forma de críticas. Embora de muito tempo para cá eu tenha deixado de ser o único psicanalista existente, acho justo continuar afirmando que ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise, em que ela difere de outras formas de investigação da vida mental, o que deve ser denominado de psicanálise e o que seria melhor chamar de outro nome qualquer.¹⁶

Ele afirma, ainda, que pretendia evitar a exposição pública de dissidências, para não “oferecer aos inimigos da psicanálise o espetáculo que eles tão ardentemente desejam – ‘os psicanalistas se digladiando entre si’”. Mas novos acontecimentos mudaram sua opinião e “Depois de tanto autodomínio para não entrar em choque com adversários fora da análise,

¹⁴ Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*; JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*.

¹⁵ GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. p. 229-230.

¹⁶ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*. p. 9.

vejo-me agora forçado a pegar em armas...”¹⁷ Os novos acontecimentos eram as dissidências. Que implicações imediatas teriam estas dissidências? E quais foram elas?

Em dado momento elas foram mais políticas do que teóricas, de demarcação do campo de saber, e intimamente relacionadas à preocupação de como transmiti-lo. Então, resumidamente, quais foram os problemas com Adler e Jung? Segundo Joel Birman, ao enfatizar as dissidências com Jung e Adler, no texto *A História...*, Freud identifica os principais pontos de divergência nos elementos cruciais da teoria psicanalítica e, deste modo, indispensáveis ao que deveria ser chamado de psicanálise. Birman afirma:

(...) Freud vai formular o que é fundamental na identidade da psicanálise enquanto saber e o que é passível de debate, porque secundário e contingente. Neste sentido, Freud pode dizer que admite que seus discípulos possam pensar de forma diferente da sua, porém que não se pretenda dizer que se está falando do discurso psicanalítico quando se silencia *pressupostos básicos da psicanálise*, como a sexualidade infantil, a teoria da libido, a teoria do recalque e o complexo de Édipo.¹⁸

Em Adler e Jung sexualidade infantil, libido, recalque, complexo de Édipo e interpretação dos sonhos – para acrescentar um elemento ao conjunto dos pressupostos acima apontados por Birman – eram tratados de maneira divergente da psicanálise. Em *A História...*, seu autor esclarece minuciosamente estas divergências, chegando a afirmar que: “[...] Jung nos oferece um equivalente da famosa faca de Lichtenberg. Mudou o cabo e botou uma lâmina nova, e porque gravou nela o mesmo nome espera que seja considerada como o instrumento original”.¹⁹

Segundo Strachey²⁰, Freud escreveu este artigo disposto a abordar suas controvérsias com outros autores, apontando sua vitória sobre seus dissidentes, afinal, o nome psicanálise hoje faz referência apenas ao escopo teórico defendido por Freud. Mas, pretendemos enxergar, nesta análise epistemológica do texto freudiano, um pouco além do que apenas um

¹⁷ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*, p. 60.

¹⁸ BIRMAN, J. *Freud e a experiência psicanalítica*. p. 68-9.

¹⁹ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*, p. 80.

²⁰ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*. p. 14.

relato de suas dissidências. Entendemos que, ao enunciar dissidências, Freud pretende demarcar a posição da psicanálise entre as ciências. Mas de que lugar ele falava quando escreveu *A História...?* Defendemos que ele o fez como o fundador de uma nova ciência.

Prosseguindo no texto, Freud escreve sobre suas influências teóricas, a partir dos estudos com Breuer, Charcot e Chrobak: “*A idéia pela qual eu estava me tornando responsável de modo algum se originou em mim*”.²¹ Admite, ainda, ter lido filósofos como Schopenhauer e Nietzsche, e, num tributo à filosofia, declara: “*Tive, portanto, de me preparar – e com satisfação – para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição*”.²² Examinando esta declaração de perto, percebemos que se trata de um preito à filosofia, que só pode estar presente neste homem da ciência que era Freud.

Acrescentamos mais um elemento à nossa tese. Num breve levantamento do vocabulário utilizado n’*A História...* notamos o emprego disseminado da palavra ciência, e de expressões como curiosidade científica, investigação experimental, inferência teórica ou ainda cientificamente objetivo. Assim, pensamos poder esclarecer que, além de um vocabulário pertinente, a finalidade do autor era mostrar proximidade com a comunidade científica, sabendo que o reconhecimento de uma nova ciência nunca se realiza de maneira fácil. Freud recorre à história da ciência para esclarecer que a psicanálise encontra barreiras como qualquer ciência nova: “*Na história da ciência podemos ver claramente que, com freqüência, proposições que de início só provocam contradição, posteriormente vêm a ser aceitas, embora não tenham sido apresentadas novas provas das mesmas*”.²³ Destarte, para buscar a legitimidade desta nova ciência, era necessário colocar-se como um crítico das ciências, e não permanecer fechado em sua comunidade, apenas relatando os fatos. Lançar-se na guerra, com as armas de uma epistemologia e de uma história das ciências, permitia a Freud declarar,

²¹ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*.p. 15.

²² FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*.p. 19.

²³ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*. p. 29.

demarcar este lugar para sua nova ciência. É com este texto que ele insere a psicanálise na história das ciências, construída através de embates e controvérsias. Afinal, para o estabelecimento e a edificação de uma teoria e, ainda mais, para a evolução do conhecimento científico reconhecemos, como em Bruno Latour²⁴, o papel relevante das controvérsias.

Deste modo, identificamos na narrativa freudiana o seguimento de uma *história-formação*, como nos ensina Latour. Para ele, contar uma *história-formação* é dar “*explicações de uma controvérsia que fazem apelo ao mesmo repertório para definir já não a aceitação de um argumento, mas a própria origem desse argumento*”²⁵, não esquecendo de “*(...) emprestar movimento, incerteza e paixão, isto é, historicidade, às próprias coisas*”²⁶ pois, sabemos, a partir do comentário dos historiadores Roudinesco e Plon, que Freud manifestava “*uma vontade indomável de curar os homens de seus sofrimentos psíquicos e, acima de tudo, de provar que seu método era o mais eficaz por ser o mais científico*”²⁷. Sendo assim, remontar o percurso da história da psicanálise contando uma *história-formação* contribuiu para a compreensão deste movimento psicanalítico e do seu autor, em busca de sua cientificidade. Entendemos, também, que é relevante esclarecer que, durante a sua vida, enquanto pesquisador, Freud nunca deixou de empreender esta busca, embora seja preciso definir a partir de que projeto de ciência seu criador se debruçava ao contar sua história.

Um leitor desatento da obra freudiana pode entender que a psicanálise prescindia deste título, o de ciência. Na verdade, este é um discurso posterior a Freud, contemporâneo às idéias sobre ciência que fizeram parte, já no século passado, das discussões iniciadas no campo da epistemologia.

²⁴ LATOUR, B. *Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências*.

²⁵ LATOUR, B. *Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências*. p. 68.

²⁶ LATOUR, B. *Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências*. p. 72.

²⁷ ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. p. 750.

Monzani²⁸ defende a tese de que Freud, ao longo de sua produção, não promove rupturas radicais em seu pensamento. Como num movimento pendular das idéias, em certos momentos ele enfatizou um aspecto, e no momento seguinte enfatizava outro, havendo abandonos temporários, mas nunca definitivos. Acrescentando mais uma imagem ao pensamento freudiano, ele afirma que há também um movimento espiral, ou seja, as idéias abandonadas, são retomadas, mas em um outro nível.

Foi também assim, em um movimento pendular e espiral, que se deu este projeto freudiano de fundar uma nova ciência. Para ele, a verdade do conhecimento humano era obtida apenas através do método científico, reconhecido em sua época como método indutivo²⁹ utilizado pelas ciências naturais. Por isto, era preciso dar à sua jovem ciência o mesmo estatuto de conhecimento verdadeiro. O método de interpretação do inconsciente deveria utilizar os princípios do método indutivo e, mais ainda, a psicanálise, enquanto uma nova ciência, que utiliza uma terminologia desconhecida para o senso-comum, deveria aguardar que seus termos, suas analogias com a realidade, passassem ao domínio público e assim fosse reconhecida como uma verdadeira ciência.

Ainda para contar uma *história-formação*, é preciso que nos informemos acerca do momento histórico vivenciado, lembrando Latour, “*Para que a história se aproxime das ciências e que a história das ciências se funda com a história propriamente dita, é necessário ir um pouco mais longe(...)*”³⁰. Apelando para uma coincidência histórica, o ano de 1914 – ano do texto aqui apresentado – é apontado em Hobsbawm como o marco final de seu instigante *A era dos Impérios (1875-1914)*, limite ajustado ao início da Primeira Grande Guerra. Elegendo Freud, assim como outros personagens, como uma personalidade

²⁸ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.

²⁹ Freud, além de leitor de Stuart Mill, foi também seu tradutor para o alemão. Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*.

³⁰ LATOUR, B. *Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências*.p. 72.

importante deste momento histórico, o historiador não deixa de se espantar diante das coincidências em termos de inovações:

Pode ser puro acaso, ou escolha arbitrária, que a teoria quântica de Planck, a redescoberta de Mendel, as *Logische Untersuchungen* de Husserl, a *Interpretação dos sonhos*, de Freud e a *Natureza Morta com Cebolas* de Cézanne possam todos ser datados de 1900 (...) mas a coincidência de inovações dramáticas em diversas áreas não deixa de ser impressionante.³¹

Além deste reconhecimento da obra freudiana, enquanto parte de um movimento de revolução intelectual, este historiador interessa-nos, também, por apontar claramente as bases históricas que revelam os primeiros movimentos de suspeita relativos às certezas científicas. Assim, entendemos que a necessidade do rigor, presente em Freud quando proclama a sua disciplina como mais científica, deve ser compreendida ainda no âmbito deste momento inicial das desconfianças sobre as ciências. Aqueles, como ele, que participavam da revolução intelectual, ainda não imaginavam o impacto destas transformações. Deste modo, podemos compreender esta relação entre a ciência e o *mundo real*³², em que a psicanálise e seu inventor estavam inseridos, seguindo o relato do historiador:

Ao contrário do início do século XIX, as revoluções cujos ecos podiam em certo sentido ser encontrados nos produtos da mente não estavam ocorrendo de fato, mas antes deveriam ser esperadas. Estavam implícitas na crise de um mundo que simplesmente não podia mais ser compreendido em seus velhos e mesmos termos. Olhar o mundo de outro modo, mudar o próprio ponto de vista não era apenas mais fácil. Foi o que, de uma forma ou de outra, a maioria das pessoas de fato teve que fazer em suas vidas.³³

Percebemos, então, que era este o sentimento que dominava a época na qual foi produzida a obra *Interpretação dos sonhos* (1900): “*Naquele período fiquei completamente isolado e, no emaranhado de problemas e acúmulo de dificuldades, muitas vezes tive medo de me desorientar e de perder a confiança em mim mesmo*”³⁴; são palavras de Freud, ao relatar

³¹ HOBSBAWN, E. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. p. 356.

³² Conceito trabalhado em Hobsbawm para nomear “o mundo tal como apreendido pelos sentidos”. p. 341.

³³ HOBSBAWN, E. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. p. 360.

³⁴ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*. p. 24.

este momento embrionário da psicanálise. Importa-nos, agora, compreender definitivamente que sempre houve um projeto de adequação ao discurso científico, ainda dominante, mesmo suas primeiras investidas fossem alvo de descrédito, e este texto, *A História...*, traz importantes indicativos deste projeto.

Deste modo, temos traçado, até o presente, um panorama geral do que trata o artigo. Mas o que *A História...* oferece-nos ainda? Em que direção podemos seguir? Na direção da formação da comunidade psicanalítica. Todos sabemos que uma característica importante para as ciências é a formação de comunidades, em torno de um *campo de saber*³⁵ delimitado por seu objeto, que promova a pesquisa e garanta sua transmissão. É o que nos diz Freud:

A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. O estímulo proveio de um colega que experimentara, ele próprio, os efeitos benéficos da terapêutica analítica. Reuniões regulares realizavam-se à noite em minha casa, travavam-se debates de acordo com certas normas, e os participantes se esforçavam por encontrar sua orientação nesse novo e estranho campo de pesquisa, e de despertar em outros o interesse por ele.³⁶

Freud acreditava, também, que, apesar das dissidências, com base em discordâncias teóricas, a psicanálise já era uma edificação fortalecida em 1914. Ele permite-se fazer uma previsão sobre o futuro de sua jovem ciência, na conclusão de *A História...* aduzindo: “*A psicanálise sobreviverá a essa perda e a compensará com a conquista de novos partidários. (...) E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas.*”³⁷ Mostrando o problema de institucionalização, apontamos para a aproximação da psicanálise com o discurso das ciências, vislumbrando dois objetivos subjacentes à escrita de *A História...*: 1) revelar o propósito da criação das sociedades de psicanálise e 2) evidenciar a necessidade de assegurar a este saber uma transmissão adequada. Sobre estes objetivos, temos o testemunho de Freud, quando afirma:

³⁵ Cf. BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.*

³⁶ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico.* p. 30.

³⁷ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico.* p. 81.

Julguei necessário formar uma associação oficial porque temia os abusos a que a psicanálise estaria sujeita logo que se tornasse popular. (...) Nas sessões dos grupos locais (que reunidos constituiriam a associação internacional) seria ensinada a prática da psicanálise e seriam preparados médicos, cujas atividades receberiam assim uma espécie de garantia.³⁸

Recorremos a Bourdieu para fundamentar esta aproximação com o primeiro objetivo. Temos, neste autor, o conceito de *campo de conhecimento*, criado para combater uma certa idéia de prevalência do conhecimento científico, entendido como: “(...) *o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas*”.³⁹

E foi o que fez Freud, em 1910, com a fundação da IPA - *Associação Psicanalítica Internacional*. Institucionalizou o movimento psicanalítico e submeteu-o a leis sociais específicas, apontando o que era possível de ser reconhecido como psicanálise, quando averiguados os seus pressupostos. Em Monzani, temos uma indicação de como era necessário reconhecer este fazer como científico, de forma a justificar a criação de uma comunidade. Monzani afirma que:

Separar o joio do trigo significou exatamente para certos autores que, embora continuassem fiéis à teoria freudiana, isso não queria dizer que seguissem as idéias de Freud em todos os seus avatares. *Ser freudiano*, agora, passava a significar que seus trabalhos haviam trazido uma contribuição objetiva e científica, e também que, ao lado disso era forçoso reconhecer que certas idéias ou teses escapavam a esse registro, provocando uma verdadeira ruptura na teoria.⁴⁰

Observamos uma ruptura na teoria e, por que não dizer, na comunidade que passava a se constituir em torno deste campo de saber, que começava a ser formado. Foram necessárias dissidências, como apontamos anteriormente, que permitiram a Freud circunscrever seu

³⁸ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*. p. 53.

³⁹ BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. p. 20.

⁴⁰ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. p. 147-8.

campo e seu objeto de investigação e de intervenção, como para qualquer campo científico, revelando seu lugar específico.

Por conseguinte, devemos reconhecer que o segundo objetivo dessa institucionalização era assegurar uma transmissão adequada. Mas temos, em *A História...*, o relato do quanto a transmissão da psicanálise envolve questões que – ousamos afirmar – até hoje suscitam divergências. Em suas palavras, Freud constata que:

As dificuldades particularmente grandes ligadas ao ensino da prática da psicanálise – responsáveis por grande parte das dissensões havidas – eram patentes nessa Sociedade Psicanalítica de Viena, de caráter particular. Eu mesmo não me aventurei a expor uma técnica e teoria ainda inacabadas e em formação, com a autoridade que provavelmente teria capacitado os outros a evitar certos desvios e suas conseqüências desastrosas.⁴¹

Voltaremos à questão da transmissão e, conseqüentemente, da formação de analistas, no capítulo 3. Por ora, foi o nosso propósito esclarecer o momento histórico vivenciado por Freud, recorrendo ao seu próprio testemunho quando da elaboração dos textos sobre a técnica psicanalítica, apontando, deste modo, uma centralidade destes escritos, às vezes ofuscada pela teoria e pela prática, quando nos remetemos ao conjunto orgânico descrito em Althusser. Esta centralidade é revelada em dois sentidos distintos. No primeiro, pela necessidade, acusada por Freud, de demarcar o que devia ou não, ser chamado de psicanálise, informando aos leigos sobre o cerimonial de que envolve a análise. E, no segundo sentido, este que será nosso objeto de pesquisa, reconhecer este papel de costura da técnica, entre a teoria e a prática, no momento de fundação da *nova ciência*.

Definida, então, nossa pesquisa – a delimitação da psicanálise enquanto campo de saber científico construída na modernidade – resta-nos identificar de que maneira trataremos o tema, o que nos remete à pergunta: *Como ler Freud?*

⁴¹ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*. p. 31.

Pergunta encontrada em dois autores que têm guiado nossa pesquisa, a saber, Renato Mezan, com seu livro *Freud: a trama dos conceitos* e Luiz Roberto Monzani, com o já citado *Freud: o movimento de um pensamento*. Nesta pesquisa, estamos lidando com um projeto de epistemologia da psicanálise e ao responder à questão, Monzani justifica o seu trabalho como o de uma leitura de Freud, e, portanto, ele não pretende discutir a veracidade das descobertas freudianas, mas “o seu significado e os avatares dessa significação na trama dos conceitos psicanalíticos”.⁴² Monzani afirma, ainda, a psicanálise enquanto um discurso científico que “[...] deve possuir os requisitos mínimos que definem qualquer disciplina científica e, ipso facto, ser passível de uma leitura e de uma interpretação que, de direito, qualquer sujeito pode realizar”.⁴³ Seguimos as indicações deste autor, no tocante à nossa leitura de Freud nesta fronteira entre ciência, filosofia e psicanálise.

Portanto, fazendo nossa análise filosófica, em que uma epistemologia deve estar subentendida, pretendemos eximir de nossa pesquisa qualquer pretensão de reduzir o texto freudiano a uma doutrina em filosofia, aqui não pretendemos encontrar um Freud *humeano, kantiano, marxista, hegeliano, platônico*, etc...; como sabemos ser o propósito de outras pesquisas em epistemologia da psicanálise. Nosso intuito será mostrar um Freud freudiano.

Mas, também, não faremos uma pesquisa em teoria psicanalítica, portanto os avanços da teoria presentes em autores posteriores a Freud ficarão de fora de nossa análise, como, por exemplo, Jacques Lacan. Desta forma, reivindicamos o direito de encerrar em Freud nossa leitura, apoiando nosso argumento em Mezan e na sua proposta de leitura do texto freudiano.⁴⁴

Ainda uma ressalva, que serve como um alerta e uma desculpa iniciais, salientamos que nossa pesquisa, ao caminhar nesta fronteira possa trazer, em algumas passagens, um vocabulário, aparentemente estranho, ou inadequado ora para a filosofia, ora para a

⁴² MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 23

⁴³ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 21

⁴⁴ Cf. MEZAN, R. *Freud a trama dos conceitos*.

psicanálise e ou mesmo para as ciências. Assim, ultrapassando esta dificuldade inicial, inerente a uma pesquisa de fronteira como a nossa, faremos em nossa metodologia de trabalho, uma análise conceitual dos textos sugeridos como fonte primária para contemplar os objetivos do presente estudo. Utilizaremos também textos de comentadores, historiadores e biógrafos que acrescentarem ou clarificarem questões pertinentes à nossa pesquisa. Lembrando o que nos diz Isabelle Stengers, em seu instigante *A vontade de fazer ciência*, quando ela diz que: “*Nenhuma ciência pode entretanto, servir de modelo a uma outra, quer dizer autorizá-la a pretender fazer a economia dos riscos de seu saber, de suas exigências, de suas questões.*”⁴⁵ Estendemos, então, esta advertência a todos aqueles que estiverem dispostos a ler esta pesquisa.

Finalmente, devemos ressaltar que as obras de Freud consultadas em português fazem parte da *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud - ESB*, Imago Editora, Rio de Janeiro, 3ª Ed., 1990. Contamos também com o auxílio das edições francesa e espanhola quando julgamos necessário averiguar questões relevantes. Excepcionalmente, nos textos técnicos estudados (*O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise* (1911), *A dinâmica da transferência* (1912), *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912), *Sobre o início do tratamento* (1913), *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915)) pudemos contar com a tradução, feita também diretamente do alemão para o português, de Paulo César de Souza, para o **Jornal de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise**, autorizada pela Imago Editora, que detém os direitos de publicação das obras freudianas no Brasil.⁴⁶

⁴⁵ STENGERS, I. *La volonté de faire science : à propos de la psychanalyse*. p. 6.

⁴⁶ Em nosso julgamento, apoiar nossa pesquisa com textos traduzidos diretamente do original significou um ganho, por isso optamos pela tradução do **Jornal de Psicanálise**, em lugar da *ESB*. Pois, é sabido que se trata de uma tradução de “segunda língua” em nosso caso, como também que o editor inglês James Strachey além de tradutor considerava-se comentador das obras de Freud e se permitiu alterar ou acrescentar à letra freudiana suas próprias interpretações. A cuidadosa tradução de Souza além de não cometer tais equívocos também primou em apontá-los.

Se eu fosse o primeiro astronauta, minha alegria só se renovaria quando um segundo homem voltasse lá do mundo: pois também ele vira. Porque “ter visto” não é substituível por nenhuma descrição: ter visto só se compara a ter visto. Até um outro ser humano ter visto também, eu teria dentro de mim um grande silêncio, mesmo que falasse. Consideração: suponho a hipótese de alguém no mundo já ter visto Deus. E nunca ter dito uma palavra. Pois, se nenhum outro viu, é inútil dizer.

Cosmonauta na Terra
Clarice Lispector

CAPÍTULO 1

As *aberturas*: recomendações sobre o cerimonial de entrada em análise

Seguindo sua analogia com as *aberturas* do jogo de xadrez, Freud, de fato, faz uma exposição sistemática exaustiva sobre este certo cerimonial de entrada em análise. *Cerimonial* é a expressão utilizada por ele em *Sobre o início do tratamento* (1913), texto que, juntamente com *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912), contém a maior parte das recomendações sobre a entrada em análise. Com *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise* (1911), definimos os três textos de nosso conjunto que mais amplamente serão explorados neste capítulo.

Nas *Recomendações...*, Freud afirma que “*As regras técnicas que ofereço me resultaram de longos anos de experiência, depois de à própria custa encetar e abandonar outros caminhos*”.⁴⁷ Devemos destacar que se trata de “outros caminhos” técnicos e teóricos, pois, enquanto fundador de uma ciência, Freud era sensível às mudanças, ora na teoria, ora na prática, inerentes ao processo de fundação da psicanálise. E em *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914, ele reitera o que havia anunciado em 1912, fazendo, ainda, um pequeno resumo destas modificações sofridas pela técnica.

Não me parece desnecessário lembrar continuamente, àqueles que estudam a psicanálise, as profundas alterações que a técnica

⁴⁷ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 427

psicanalítica sofreu desde o início. Na primeira fase, a da catarse de Breuer, o foco era colocado sobre o momento da formação do sintoma, e havia o esforço persistente em fazer se reproduzirem os processos psíquicos daquela situação, para levá-los a uma descarga mediante a atividade consciente. (...) Em seguida, depois da renúncia à hipnose, impôs-se a tarefa de descobrir, a partir dos pensamentos espontâneos do analisando, o que ele não conseguia recordar. (...) Por fim se formou a técnica coerente de agora, na qual o médico renuncia a enfocar um motivo ou problema determinado e se contenta em estudar a superfície psíquica apresentada pelo analisando, utilizando a arte da interpretação essencialmente para reconhecer as resistências que nela surgem e torná-las conscientes para o doente.⁴⁸

De fato, sua experiência na clínica nunca foi negligenciada, pois, à medida que apontava inconsistências com sua teoria, havia uma remodelação⁴⁹. E é exatamente aqui que reconhecemos a ligação orgânica deste conjunto *prático-técnico-teórico*⁵⁰ que modela a psicanálise. A técnica era modificada pela prática, que, por sua vez, exigia, em momentos cruciais, uma elaboração (*Durcharbeiten*)⁵¹ da teoria, e assim sucessivamente.

Aceitar o paciente provisoriamente, realizando entrevistas preliminares (1), estipular o tempo (2) e os honorários (3) no tratamento, deitar o analisando no divã (4) e, finalmente, informar-lhe sobre a regra fundamental⁵² (5) são os dispositivos técnicos do referido cerimonial, enunciados ao longo de *Sobre o início do tratamento* (1913). É esta seqüência, tão precisa, de (1) a (5), encontrada neste escrito de Freud, que passamos a reproduzir em nossa análise epistemológica de agora. Em nosso caso, mais do que discorrer sobre estes (5) dispositivos técnicos, passaremos a identificar o quanto estas condições iniciais “[...] são

⁴⁸ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p.125-6.

⁴⁹ Como apontada em Monzani com sua tese sobre os movimentos pendular e espiral no pensamento freudiano. O movimento pendular indica a ênfase, ora em um pólo da questão, ora em seu oposto; já o movimento espiralado indica que as questões, quando retomadas pelo movimento pendular, não se encontram no mesmo nível do movimento anterior.

⁵⁰ Temática abordada em nossa Apresentação. Cf. ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*.

⁵¹ Este termo não encontra um similar para o português que contemple todos os seus significados, usualmente é traduzido por *elaboração*. Foi utilizado por Freud em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914). Pois como nos informa, em nota de tradução Paulo César de Souza: “(...) nada disso compensa o fato de “perlaborar” e “perlaboração” serem palavras esdrúxulas (...) Por isso acho que se deve preferir “elaborar” e “elaboração”, confiando em que o sentido pretendido por Freud emergirá naturalmente do contexto em que elas aparecem.” Cf. FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p. 135.

⁵² “Regra constitutiva da situação psicanalítica, segundo a qual o paciente deve esforçar-se por dizer tudo o que lhe vier à cabeça, principalmente aquilo que se sentir tentado a omitir, seja por que razão for. ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. p. 649.

determinadas pelos próprios fundamentos da psicanálise”⁵³, como sugerido por Quinet, seguindo nosso propósito de analisar este conjunto orgânico *prático-técnico-teórico* como condição de possibilidade para a demarcação da psicanálise enquanto ciência na modernidade.

As entrevistas preliminares⁵⁴, dispositivo indicado por Freud, têm a finalidade, caso uma interrupção do tratamento seja efetuada, de impedir no “[...] *doente a dolorosa impressão de uma tentativa de cura fracassada*” e, além disso, de revelar “[...] *uma motivação relacionada ao diagnóstico*”.⁵⁵

A questão que nos parece mais relevante no trato deste dispositivo é, de fato, referente ao diagnóstico, como aponta-nos Freud numa nota de rodapé ao referir-se ao tema⁵⁶. Neste momento de fundação da psicanálise, sua subordinação ao saber médico, principalmente no que diz respeito à nosografia de doenças mentais, era evidente. Mas aqui já percebemos uma primeira tentativa de ruptura com a tradição psiquiátrica.

Ao abordar a necessidade do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose, Freud denuncia a dificuldade no estabelecimento deste diagnóstico em casos extremos, admitindo que o tema merece ser mais explorado. Infelizmente ele não chega a estabelecer nenhuma nosografia mais apropriada à psicanálise, ficando os mesmos termos utilizados na psiquiatria acolhidos pelo psicanalista.⁵⁷

Ainda neste período, a questão do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose era, para Freud, um problema do alcance, ou dos limites, de seu procedimento terapêutico. Ao falar que, para o psicanalista, o erro diagnóstico é mais prejudicial do que para o psiquiatra, ele adverte: “*o psicanalista comete, num caso desfavorável, um desacerto prático, torna-se culpado de um gasto inútil e desacredita seu procedimento terapêutico. Ele não pode manter*

⁵³ QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. p. 12.

⁵⁴ Termo lacaniano, mais difundido em nosso meio, como substituto de *tratamento de ensaio* em Freud. Cf. QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*.

⁵⁵ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 154.

⁵⁶ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 155.

⁵⁷ Os manuais de doença mental estabelecidos mundialmente regem tanto a nosografia médica quanto a psicológica, através da **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10**.

sua promessa de cura, caso o paciente sofra, não de histeria ou de neurose obsessiva, mas de parafrenia".⁵⁸ Este limite da técnica psicanalítica deve ser comentado em, pelo menos, duas perspectivas, a primeira esclarecendo o sentido da palavra *cura* e a segunda, o alcance da psicanálise frente à psicose.

Então, sobre o esclarecimento da polissemia da palavra cura (*Kur*), é preciso notar que apesar de também significar tratamento, ou processo de curar alimentos, no sentido de curtir, temos, em português, mais facilidade em defini-la como restabelecimento. Mas, neste trecho, e onde mais esta palavra seja encontrada, precisamos entender “promessa de cura” como promessa de tratamento ou de terapia para a psicanálise.⁵⁹

E, também, sobre a distinção, em Freud, da possibilidade de tratar neuróticos, mas não psicóticos, há um amplo questionamento de Quinet, ainda a partir de uma leitura lacaniana. Ele sugere que a posição lacaniana não é a de contra-indicar uma psicanálise aos psicóticos⁶⁰, como parece ser a recomendação freudiana ao tratar do diagnóstico diferencial. Mas, em 1937, quando escrever *Análise terminável e Interminável*, Freud estará mais cético quanto ao alcance de seu procedimento terapêutico, o que já pode denunciar um novo posicionamento acerca da contra-indicação da psicanálise para psicóticos, apreciada posteriormente por Lacan. O ponto acima destacado, a saber, a promessa de cura, ou a eficácia do tratamento analítico, será mais amplamente abordado em nosso terceiro capítulo, dedicado ao *final da análise* e ao texto supracitado.

Antes de passarmos para o próximo dispositivo, precisamos incluir o tema da transferência como parte desta condição inicial. Vale dizer, a transferência aparece, neste momento das *aberturas*, como o conceito de amarração. Acompanhando o texto de Quinet, percebemos que, em seu passeio lacaniano na análise de *Sobre o início...*, a transferência é

⁵⁸ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 154-5.

⁵⁹ Há uma nota do tradutor que explicita esta diferença. Cf. FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p.134.

⁶⁰ Cf. QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*.

citada em todos os capítulos dedicados a cada um dos dispositivos técnicos⁶¹. Neste sentido, temos mais um demonstrativo da concretização de nossa hipótese sobre a psicanálise enquanto um conjunto orgânico *prático-técnico-teórico*, quando verificamos a impossibilidade de tratar estes três pilares separadamente. É preciso colocar o analista no lugar daquele que se ama, ou que se amou.⁶² Assim, aceitar uma análise é, em primeiro lugar, aceitar o analista e as condições que ele deve impor para que o trabalho possa começar. Deste modo, prosseguimos na exposição deste cerimonial, passando para o próximo dispositivo. E, sobre a transferência, aguardamos o capítulo seguinte para uma exposição mais minuciosa.

“*Quanto tempo vai durar o tratamento?*” A resposta: “*Anda! (...) é preciso antes conhecer o passo do andarilho, para poder calcular a duração de sua viagem*”, contém uma imprecisão que permanece como um enigma no tratamento analítico: “*A pergunta sobre a duração do tratamento é quase impossível de responder, na verdade*”.⁶³ Estas são as poucas linhas que Freud dedica a um tema tão controverso, ainda em nossos dias. E, como dissemos anteriormente, previmos a necessidade de tratá-lo, o tempo enquanto fim de análise, com mais cautela incorporando o trabalho de Freud de 1937, *Análise terminável e interminável*, em nosso terceiro capítulo.

Freud aborda, ainda, a questão da duração das sessões, tema não menos polêmico. Todos aqueles que se consideram herdeiros, legítimos ou bastardos, do mestre Freud têm opiniões divergentes. Desde o estabelecimento de sessões de 50 minutos, pela IPA, que contraria a recomendação em Freud de uma hora por dia, até as chamadas sessões curtas em Lacan⁶⁴ não podemos falar de uma convergência sobre o tema.⁶⁵

⁶¹ Cf. QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*.

⁶² Sobre a transferência Lacan irá procurar na filosofia o seu embasamento, utilizando *O Banquete* de Platão como referencial maior deste conceito fundamental da psicanálise. Cf. LACAN, J. *O seminário livro VIII: a transferência*.

⁶³ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 157.

⁶⁴ Para Lacan, as sessões curtas têm significado quando olhamos para a teoria, encontrando no *tempo lógico* do inconsciente o seu sentido. Cf. LACAN, J. *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*.

⁶⁵ Cf. ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*.

No entanto, uma passagem sobre o tempo merece destaque nesta descrição das *aberturas*. Referimo-nos à questão da atemporalidade do inconsciente na teoria psicanalítica, discretamente citada em *Sobre o início...*. Freud vai dizer:

O encurtamento da terapia analítica é um desejo que se justifica, e cuja realização, como veremos, é tentada por diversos caminhos. Infelizmente um fator importante o contraria, a lentidão com que se efetuam mudanças psíquicas profundas, e em última instância, talvez, a ‘atemporalidade’ dos nossos processos inconscientes.⁶⁶

Ao abordarmos o tema da atemporalidade, é preciso, antes, definir de que inconsciente estamos tratando nesta pesquisa, afinal, trata-se do objeto de estudo desta nova ciência. Faremos, portanto, um pequeno desvio em nosso texto para apresentar a especificidade deste objeto.

Em nosso corte, epistemológico e cronológico, o período estudado restringe-se à elaboração do que ficou conhecido como primeira tópica freudiana do aparelho psíquico. Nela, Freud articulou os conceitos de consciente (*Bewusste*), pré-consciente (*Vorbewusste*) e inconsciente (*Unbewusste*), afirmando que o aparelho psíquico funcionaria a partir de um jogo de forças em que o sistema consciente tentaria impedir que o inconsciente, o recalcado, pudesse retornar. Mas, a partir de 1923, no texto *O Eu e o Isso*, Freud reitera sua concepção do aparelho psíquico e admite uma segunda tópica, agora apresentando o Eu (*Ich*), o Supereu (*Über-Ich*) e o Isso (*Es*).

Monzani⁶⁷ acredita que há uma superioridade da segunda em relação à primeira tópica, mas afirma que, nos últimos escritos de Freud, é possível perceber uma tentativa de harmonizar estes pressupostos, aparentemente incompatíveis. Ele aponta, então, problemas e impasses que forçaram Freud a repensar o aparelho psíquico, antes desenhado pelo modelo tópico: Cs – Pcs – Ics, e agora pelo modelo estrutural: Isso – Eu – Supereu. Os problemas, de um modo geral, perpassam pelo papel do Ics, sua delimitação, o que chamar de conteúdo do

⁶⁶ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 160.

⁶⁷ Cf. MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.

Ics. Primeiro, ele é colocado como similar ao que é recalcado, esquecido, e que, ao tentar tornar-se consciente, esbarra no sistema Cs-Pcs. Por isto, só aparece como efeito ou manifestação – sonhos, sintomas, atos-falhos... Em seguida, Freud verifica, sempre recorrendo à sua prática, que também aquilo que barra o conteúdo Ics é, ele mesmo, Ics. Donde conclui que há, no *eu*, antes confundido com o sistema Cs-Pcs, conteúdos também Ics, e que também não há mais uma ligação unívoca entre o Ics e o recalcado. Para Monzani, temos de recorrer às noções de sistema inconsciente, pensando também na junção de inconsciente recalcado e inconsciente sistêmico. Assim, o Isso não pode ser pensado apenas como uma substituição, na segunda tópica, do Ics.

O importante é perceber que a idéia central que esse conceito veicula permanece: a de um outro lugar regido por outras normas que são determinantes. Isso não significa dizer que o id [*Isso*] é apenas um outro nome para o inconsciente. Ele é isso e mais que isso. Pela razão de que aprofunda essa última idéia e a retém substancialmente.⁶⁸

Nesta linha de pensamento, Monzani encerra sua argumentação com uma citação extensa de um dos últimos trabalhos de Freud, *Esboço de psicanálise* (1938), para “[...] deixar claro ao leitor que a primeira e a segunda tópicos não dizem, de fato, coisas diferentes”.⁶⁹ E com este argumento, pensamos ser retomada a tese de Monzani sobre os movimentos pendular e espiral presentes em todo o conjunto da obra freudiana.⁷⁰ Monzani aponta, então, para a conservação de idéias presentes desde os primórdios do que ora chamamos psicanálise, mas sem esquecer de uma progressiva rearticulação.

Desta maneira, reconhecemos a primeira tópica de modo flagrante nos textos estudados. Freud, ao informar, em 1914, que o objetivo da técnica psicanalítica não mudou, apesar das reformulações, aduz que “O objetivo destas técnicas permaneceu inalterado, sem dúvida. Em termos descritivos, preenchimento das lacunas da recordação; em termos

⁶⁸ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 297

⁶⁹ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 298

⁷⁰ Cf. MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.

dinâmicos, superação das resistências da repressão”.⁷¹ Desta maneira, nosso autor faz uma descrição sucinta do *objeto-de-conhecimento* da psicanálise, identificando-o ao recalçado.

Em outro texto, quando inicia suas considerações sobre a resistência, nas *Recomendações...*, Freud adverte “*enfaticamente aos colegas que no tratamento psicanalítico tomem por modelo o cirurgião, que deixa de lado todos os seus afetos e até mesmo sua compaixão de ser humano.*” De outro modo, ele não poderá evitar “*determinadas resistências do paciente, cujo restabelecimento depende, em primeiro lugar, como se sabe, do jogo de forças dentro dele*”.⁷² Como dissemos, é o jogo de forças entre o Ics, tentando retornar e esbarrando no sistema Cs-Pcs. E Porque não percebe a passagem do tempo, é que o inconsciente oferece reminiscências ao sujeito. Assim, em Freud, o inconsciente tem o caráter subjetivo da construção do tempo que se vincula à memória e ao esquecimento, elementos indispensáveis quando pensamos neste aparelho psíquico freudiano da primeira tópica, pois:

Nele sucede com particular freqüência que seja ‘lembrado’ algo que não poderia ser ‘esquecido’, pois em tempo algum foi percebido, nunca foi consciente, e além disso parece não fazer qualquer diferença, para o decurso psíquico, se uma dessas ‘conexões’ era consciente e foi então esquecida, ou se jamais alcançou a consciência.⁷³

É importante começar a reconhecer o quanto os dispositivos técnicos listados por Freud inauguram uma clínica da subjetividade, conseqüência da modernidade. Mas interrompemos nossa exposição aqui, pois, com o acréscimo do próximo dispositivo, os honorários do analista, teremos mais um elemento para fomentar esta discussão da psicanálise inserida na modernidade.

Quando aborda o dispositivo do pagamento, os honorários do analista, Freud explora um dos pilares de nossa condição moderna e civilizada, a saber, o valor do dinheiro, ou, para usar uma expressão mais forte, atrelada a esta condição da modernidade, do capital.⁷⁴

⁷¹ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p.126.

⁷² FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 431

⁷³ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p.127.

⁷⁴ Cf. QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*.

O analista não contesta que o dinheiro deve ser visto em primeiro lugar como meio de auto-preservação e obtenção de poder, mas afirma que poderosos fatores sexuais estão envolvidos na apreciação do dinheiro. Ele pode lembrar que as questões de dinheiro são tratadas pelos homens civilizados de modo semelhante às coisas sexuais, com a mesma duplicidade, falso pudor e hipocrisia. Então ele já está decidido a não fazer igual, a tratar assuntos de dinheiro, diante do paciente, com a mesma evidente franqueza na qual pretende educá-lo em questões sexuais.⁷⁵

É exatamente para tentar uma aproximação entre o marxismo e a psicanálise que Quinet introduz o termo capital quando trata deste dispositivo. A história da psicanálise testemunha diversas tentativas de reconhecer uma afinidade entre as duas teorias.⁷⁶ Mas é necessária a cautela prescrita em Althusser. Para ele, Freud e Marx, em suas teorias, trazem a marca da conflituosidade⁷⁷. Esta marca seria suficiente para dar-lhes mesmo estatuto diante do universo da burguesia ascendente e instalada no poder.⁷⁸

Muita gente concorda em reconhecer hoje em dia, apesar da existência de sintomáticas resistências, cujas razões deverão ser examinadas, que, no campo das *Ciências Sociais* ou *Humanas*, dois descobrimentos inesperados, totalmente imprevisíveis, provocaram um abalo no universo dos valores culturais da *época clássica*, o universo da burguesia ascendente e instalada no poder (do século XVI ao XIX). Esses descobrimentos são o Materialismo Histórico, ou teoria das condições, das formas e dos efeitos das lutas de classes, obra de Marx, e o inconsciente, obra de Freud.⁷⁹

Mas, observando-se atentamente, há uma diferença entre eles, posto que Marx e Freud partem de lugares distintos quando nomeiam seus respectivos objetos. Não há, em Marx, uma teoria do psiquismo, embora ele contemple os indivíduos concretos também como “síntese de múltiplas determinações”. Em contrapartida, também não há, em Freud, uma teoria das relações sociais. Ainda que seja percebido um elemento transindividual, é sempre no

⁷⁵ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p.161.

⁷⁶ Cf. EVANGELISTA, W. J. *Introdução: Althusser e a Psicanálise*.

⁷⁷ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*. p. 80-3.

⁷⁸ Foucault irá acrescentar Nietzsche, formando, com Marx e Freud, os revolucionários do pensamento contemporâneo. Cf. FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud, Marx*.

⁷⁹ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*. p.75.

indivíduo que se manifestam os efeitos do inconsciente. Portanto, para Althusser: “*Basta essa diferença para distinguir Freud de Marx*”,⁸⁰ embora possamos falar de tantas outras.

Mas esta ruptura com a época clássica, que une Freud a Marx⁸¹, também faz com que tempo e dinheiro, na psicanálise, sejam condições de possibilidade para a descrição do homem, enquanto sujeito na modernidade. Até aqui, percebemos o quanto estes dois dispositivos atualizam as questões vividas e sentidas nesta era dos impérios, como bem classifica o historiador.⁸² Daí podermos inferir o quanto a psicanálise está envolta nesta atmosfera formadora deste homem moderno e o quanto seu fundador também foi formado por ela.

Reconhecemos, deste modo, a capacidade do mestre Freud de atuar como um catalisador/precursor/dinamizador/incentivador, traduzindo as questões mais emergentes de seu tempo. O que pretendemos demonstrar é que, a psicanálise foi, para Freud, uma construção árdua e solitária. Temos, em Althusser, uma declaração que nos dá a dimensão deste “sofrimento”.

Não falo da solidão humana (ele teve mestres e amigos, embora tenha conhecido a pobreza), falo da sua solidão *teórica*. Pois, quando ele quis pensar, ou seja, exprimir, sob a forma de um sistema rigoroso de conceitos abstratos, a descoberta extraordinária com a qual deparava, a cada dia, nos encontros com sua *prática*, foi um trabalho vão procurar precedentes teóricos: ele quase não achou pais na teoria. Teve de sofrer e ao, mesmo tempo, arrumar a seguinte situação teórica: ser, ele mesmo, o seu próprio pai; construir com suas mãos de artesão, o espaço teórico em que pudesse situar sua descoberta; tecer, com fios emprestados aqui e ali, por adivinhação, uma grande rede com a qual capturaria, nas profundezas da experiência cega, o peixe abundante do inconsciente, que os homens dizem mudo, porque ele fala mesmo quando dormem.⁸³

⁸⁰ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*. p. 87-8.

⁸¹ Foucault, no texto *O que é um autor?*, vai dizer: “*Freud não é simplesmente o autor da Traumdeutung ou de O Chiste; Marx não é simplesmente o autor do Manifesto ou do Capital: eles estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos.*” FOUCAULT, M. *O que é um autor?* p. 280-1.

⁸² Cf. HOBBSAWN, E. J. *A era dos impérios: 1875-1914*.

⁸³ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*. p.52

Pensamos que, enquanto tradutor, Freud descobre o inconsciente que a tradição filosófica designava de consciência desconhecida.⁸⁴ E, ao inventar o modo de conhecê-lo, através de seu método de interpretação dos sonhos (e de todas as suas manifestações, como os lapsos, os chistes e os sintomas), Freud inventa também um novo lugar para o inconsciente, não podendo mais ser remetido ao lugar anteriormente determinado por qualquer tradição filosófica.⁸⁵ A atitude diante deste novo objeto dado a conhecer também é modificada. Freud faz das manifestações do inconsciente seu objeto propriamente dito, enquanto que, na filosofia, o que se buscava era outra coisa, distinção que Althusser resume muito bem.

(...) O inconsciente freudiano não tem, evidentemente, nada em comum com o inconsciente da tradição filosófica: o esquecimento platônico, o indiscernível de Leibniz ou o *avesso* da consciência de si hegeliana, uma vez que esse inconsciente é sempre um acidente ou uma modalidade da *consciência*: é a consciência da verdade *recoberta* pelo esquecimento do corpo, mas que permanece como tal nesse esquecimento (Platão), o infinitesimal da consciência demasiadamente *pequena* para ser *compreendida* (Leibniz) ou a consciência presente em si no em-si/para-si da consciência de si, antes de descobrir-se no novo para-si da consciência de si (Hegel) Toda essa tradição filosófica considera a consciência como *a* verdade de *suas formas inconscientes*, ou seja, considera o inconsciente como *consciência desconhecida*. O destino da filosofia é, então, “pôr de lado” esse desconhecimento, a fim de que a verdade seja *descoberta*.⁸⁶

Para Monzani, ao falar da psicanálise, é necessário citar *A Interpretação dos sonhos*, pois:

Pela primeira vez Freud conseguiu reunir um conjunto de noções esparsas, organizar e dar forma a um conjunto de teses e construir um edifício harmonioso, onde todas as peças têm um lugar certo. Foi uma operação complexa que implicou um trabalho gigantesco de refinamento conceitual, de deslocamentos semânticos, de explicitações e fusões, que tiveram como resultado o fato de que, pela primeira vez, o discurso psicanalítico se articulasse como um todo coerente e homogêneo. Não é por acaso que os estudiosos do pensamento de Freud

⁸⁴ Cf. ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*.

⁸⁵ Althusser identifica, aqui, mais uma semelhança entre o materialismo e a psicanálise: Ambos encontram descrições de objetos semelhantes aos seus na tradição filosófica, mas, para as duas teorias, houve um rompimento com a tradição anterior, possibilitando, deste modo, a especificidade de seus objetos. ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*.

⁸⁶ Cf. ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*. p. 91-2.

quase sempre a indicam como lugar privilegiado onde o objeto da Psicanálise brilha com toda intensidade.⁸⁷

Este brilho intenso de seu objeto deve-se ao fato de que Freud estabelece criteriosamente seu método de interpretação do inconsciente. Ao inventar seu método, Freud pontua a especificidade de seu objeto, o inconsciente.

Feita a ressalva que conduz à justa medida da distância entre Marx e Freud, pensamos ser possível indicar, cautelosamente, a aproximação sugerida em Quinet. Também em Freud, o capital é sinônimo de poder, mas, para a psicanálise, este elemento se relaciona diretamente à transferência e, conseqüentemente, à resistência:

O tratamento gratuito aumenta bastante algumas resistências do neurótico – nas mulheres jovens, por exemplo, a tentação que está contida na relação de transferência, nos homens jovens, a revolta contra o dever da gratidão, que provém do complexo paterno e se inclui entre os mais sérios obstáculos à ajuda médica.⁸⁸

Exigindo o pagamento, o analista pode manter-se, mais uma vez, com sua frieza cirúrgica, informando ao paciente, sem rodeios, como Freud recomenda, que ele está ali como profissional e, deste modo, ele pode neutralizar as demandas de amor ou de ódio, relativas à transferência ou à resistência inerentes ao processo terapêutico. Encontramos em Quinet um bom resumo desta regra: “Ao fazer pagar, o analista mostra que não está ali por amor, por sacrifício, ou por ideal, e muito menos para gozar das histórias escabrosas dos pacientes”.⁸⁹

Freud ainda comenta em *Sobre o início...*, a relação de apego do doente a sua doença, nomeando este mecanismo de defesa, e, conseqüentemente, de resistência ao tratamento, como ganho secundário trazido pela doença. Apenas uma rápida alusão ao que, posteriormente, no texto de 1914 *Recordar, Repetir e Elaborar*, ele vai teorizar com o seu

⁸⁷ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. p. 140

⁸⁸ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 162.

⁸⁹ QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. p. 104.

conceito de compulsão de repetição. E que, como sabemos, um pouco mais tarde, em 1920, culminará com a instigante noção de pulsão de morte.⁹⁰

Fazer o paciente pagar pelo seu tratamento é uma maneira de neutralizar este ganho com a doença: “*A ausência do efeito regulador proporcionado pelo pagamento ao médico se faz sentir bastante penosamente; toda relação se afasta do mundo real; retira-se ao paciente um bom motivo para se empenhar pelo fim do tratamento*”.⁹¹ Contudo, apesar de ganhar, o paciente perde, pagando caro com seu sofrimento e as limitações impostas por ele. Responsabilizar o paciente pelo seu tratamento: É este o sentido do pagamento. Afinal, “[...] *após uma terapia analítica bem sucedida, pode-se dizer que os doentes fizeram um bom negócio. Não há nada mais caro na vida que a doença – e a estupidez*”.⁹²

Nosso próximo dispositivo, deitar o paciente sobre o divã (4), permite que se dê continuidade a esta discussão sobre o papel catalisador/precursor/dinamizador/incentivador de Freud como tradutor de seu tempo, quando ele mesmo define-se como revelador de verdades indesejadas, assim como Copérnico e Darwin.

De início, fazer o paciente deitar-se sobre o divã, como um resquício de sua antiga técnica hipnótica, era, para Freud, uma forma de se manter confortavelmente longe dos olhos de seus pacientes durante sua jornada diária de atendimentos.⁹³ Enquanto um dispositivo técnico, deitar-se no divã acaba obedecendo, sobremaneira, à regra fundamental e àquela frieza cirúrgica que deve acompanhá-la: “*não quero que as expressões de meu rosto forneçam material para interpretações do paciente ou influenciem o que ele tem a comunicar*”.⁹⁴ Acompanhando, ainda, suas *Recomendações...*, Freud encerra seu texto oferecendo ao analista

⁹⁰ Cf. BIRMAN, J. *Freud e a experiência psicanalítica*. Mas deixemos esta elaboração teórica para nosso próximo capítulo, em que abordaremos esta relação entre *transferência, resistência e compulsão de repetição*.

⁹¹ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 162.

⁹² FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 162.

⁹³ Concordamos com Quinet, quando afirma ser desnecessário *banicar o analista de Freud*, tentando interpretar o dispositivo do *divã*, através do material inconsciente fornecido em seus próprios sonhos, difundidos ao longo de sua obra. Preferimos a posição de encontrar neste dispositivo, inicialmente fortuito, os fundamentos da teoria *a posteriori*. Cf. QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. p. 44-5.

⁹⁴ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 163.

argumentos para a manutenção desta frieza cirúrgica. A lição resume-se assim: “*O médico deve ser opaco para o analisando, e, tal como um espelho, não mostrar senão o que lhe é mostrado*”.⁹⁵ E, deste modo, ele pode livrar a cena analítica das resistências iniciais catalogadas nestes dispositivos técnicos, promovendo o que Freud chama da verdadeira psicanálise, uma vez que, segundo Quinet: “[...] *a indicação do divã pontua o fim dessas entrevistas, marcando a entrada em análise*”.⁹⁶

Além disso, o que deve ser destacado neste dispositivo é a definitiva cisão da psicanálise com a medicina, já ensaiada durante a questão diagnóstica.⁹⁷ O olho clínico da tradição médica – hoje em dia, cada vez mais especializado em tomografias e ressonâncias computadorizadas – foi definitivamente substituído pela escuta clínica na psicanálise.⁹⁸

O *paradigma indiciário* de Carl Ginzburg⁹⁹ sustenta que o objeto de estudo da psicanálise pode permitir seu conhecimento através de sinais e indícios. E que seu rigor, necessário a uma disciplina científica, vem, propriamente, do modo como aprendemos a *ver* este próprio objeto, ou seja, de como o psicanalista dispõe suas ferramentas para tal conhecimento¹⁰⁰. Recorremos ao texto de Ginzburg para mostrar o rigor destas formas de saber, como a psicanálise, apoiadas no *paradigma indiciário*:

Trata-se de formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador [psicanalista] limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.¹⁰¹

⁹⁵ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 434

⁹⁶ QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. p. 42.

⁹⁷ Tratado no dispositivo das *entrevistas preliminares*.

⁹⁸ A referência à pulsão escópica aparece, em Freud, enquanto resistência do analisando ao dispositivo. Depende do quanto esta pulsão, tratada por ele de voyeurismo, significa para cada paciente. É Lacan que vai abordar mais largamente o sentido da pulsão escópica para o dispositivo do divã. QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. p. 47-9

⁹⁹ Cf. GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais*.

¹⁰⁰ Temos em nosso PPG a dissertação defendida pelo colega Luís Sérgio Santos Souza, *Freud e o paradigma indiciário*, que aborda o tema em maior profundidade.

¹⁰¹ GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais*. p. 179.

É exatamente neste ponto que acrescentamos a escuta clínica do psicanalista. À medida que a psicanálise cria seu método, ela informa sobre como seu objeto pode ser apreendido. Esta especificidade da psicanálise pode, à primeira vista, ser compreendido como um fracasso em tornar a psicanálise científica nos moldes das ciências da natureza. Nesta pesquisa epistemológica, também pretendemos sustentar como Freud, ao empreender seu projeto científico, criou as condições para o aparecimento de um “modo regulador” desta pretensa nova comunidade científica, a comunidade psicanalítica¹⁰².

A discussão sobre a primazia do escutar/falar em relação ao ver é encontrada ainda na tradição filosófica que remonta a Platão e a Aristóteles. Para Aristóteles, a visão era o sentido privilegiado, pois permitia uma maior capacidade de apreensão do mundo, mas, em uma posição contrária, encontramos os herdeiros do platonismo. Ao comentar o elogio da palavra falada, em Platão, em detrimento da palavra escrita, Derrida¹⁰³ insere-nos neste percurso de recolocar o homem enquanto ser de fala e, conseqüentemente, de escuta. Ainda para Derrida¹⁰⁴, a voz e a escritura fonética têm uma relação privilegiada na história do Ocidente, e, por conseguinte, da modernidade. Pensamos legitimar assim esta outra necessidade de nossa condição humana, que vai além da necessidade de curar o corpo: a necessidade de curar a alma traduzida/compreendida pela psicanálise em sua escuta clínica.

Em seu texto *O Narrador*, Benjamin também enuncia estas diferenças que nos tornaram humanos modernos. No período da Europa entre-guerras, o autor situa a perda desta função social, a do narrador, afirmando que sua substituição pelo romancista – que não deriva de uma tradição oral – em nossos tempos, é conseqüência deste lugar privilegiado dado ao indivíduo. Para Benjamin:

¹⁰² Em *A História do Movimento Psicanalítico*, Freud comenta: “A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise.” p. 30.

¹⁰³ Cf. DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*.

¹⁰⁴ Cf. DERRIDA, J. *A voz e o fenômeno*.

O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história. O romancista segregou-se. O local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar.¹⁰⁵

Ele apresenta, então, *Dom Quixote* como primeiro exemplar deste gênero, reforçando a questão da desorientação presente na formação deste indivíduo. Também aqui, somos levados a reconhecer a problemática moderna que circunda a psicanálise. Ouvir o paciente, deixá-lo narrar seu *drama*¹⁰⁶, acreditar em seu sofrimento e em sua desorientação e, finalmente, retirar da histeria a condição de fingimento foi a guinada freudiana em relação ao saber médico vigente. Esta virada se mostrava necessária, até mesmo imperiosa, à medida que apenas o saber médico, que curava o corpo, não era mais suficiente para contemplar este homem que primava e alardeava a sua própria liberdade e ganhava, sem o saber, uma desorientação e um desamparo.¹⁰⁷ Parece-nos que *Dom Quixote* é uma de nossas referências mais caras e belas desta liberdade desamparada.

Essa guinada freudiana é percebida por Joel Birman como uma verdadeira revolução copernicana.

Esta revolução copernicana implica uma reviravolta fundamental dos lugares e das posições no espaço terapêutico, relativizando a gigantesca importância atribuída anteriormente à figura do psiquiatra. Quando o processo da cura se identifica com a possibilidade de que o próprio analisando reconheça a verdade singular de sua história, o espaço terapêutico se transforma em espaço psicanalítico e fica subvertida a concepção de terapêutica estabelecida segundo os cânones do modelo médico-psiquiátrico. Freud ultrapassou as fronteiras instituídas, transgrediu a organização do espaço terapêutico e abriu a possibilidade de constituição de um espaço intersubjetivo dotado de novo limiar simbólico.¹⁰⁸

¹⁰⁵ BENJAMIN, W. *O narrador*. p. 60.

¹⁰⁶ Cf. POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*.

¹⁰⁷ É possível encontrar, em todas as produções humanas, artísticas, filosóficas ou científicas, referência ao tema da liberdade como contraponto do desamparo do homem moderno, da morte de Deus e do sujeito, foi, portanto, nossa intenção, com as epígrafes que antecedem cada capítulo, tornar evidente esta temática.

¹⁰⁸ BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*. p. 45.

Ao instituir este novo espaço terapêutico, simbolizado pelo divã, Freud demarcou a especificidade de seu objeto dado a conhecer, o inconsciente. Esta comparação com o homem revolucionário e emissário de uma nova ordem é autorizada por Freud, quando se refere a si mesmo ao lado de Darwin e de Copérnico, distinguindo-os como responsáveis pelos três grandes golpes desferidos contra o ingênuo amor-próprio dos homens, nossas feridas narcísicas.

O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas o diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar. (...) O segundo golpe foi dado quando a investigação biológica destruiu o lugar supostamente privilegiado do homem na criação, e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal. (...) Mas a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao eu que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente.¹⁰⁹

Freud encerra esta conferência, advertindo que é a introspecção, defendida por ele e seus adeptos, quando evocam as escassas informações de que o eu dispõe, que tem suscitado a revolta geral contra nossa ciência¹¹⁰, pois, em sua descoberta fundamental, a psicanálise constata, segundo Monzani, *“que somos movidos e impulsionados por algo que nos escapa, que se situa num outro ‘espaço’. Esse ‘outro lugar’ foi inicialmente denominado o ‘inconsciente’, lugar privilegiado e de difícil acesso ao sujeito, onde, no entanto, habita sua verdade”*.¹¹¹

Surge, assim, um problema para a psicanálise, que remonta a uma questão bastante antiga em filosofia da ciência, de grande impacto para a psicologia¹¹², sendo que Freud parece não ter tido argumentos suficientes que pudessem dar um suporte adequado à sua teorização,

¹⁰⁹ FREUD, S. *Conferência XVIII: fixação em traumas – o Inconsciente*.p. 336.

¹¹⁰ FREUD, S. *Conferência XVIII: fixação em traumas – o Inconsciente*.p. 336.

¹¹¹ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 279

¹¹² Politzer chega a chamá-lo de *“monstro vingativo da introspecção”*. POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 39.

e, conseqüentemente, ao método de apreensão de seu objeto-de-conhecimento: o problema da introspecção.¹¹³

Mas, se Freud percebe sua jovem ciência como pertencendo ao campo da introspecção, somos levados a reconhecer, a partir de comentadores¹¹⁴, que ele comete um equívoco teórico ao traduzir sua novidade nos termos da psicologia clássica, uma vez que aquilo que Freud inventa com seu método introspectivo¹¹⁵ deve ser reconhecido como sendo de outra natureza.

Em sua *Crítica aos Fundamentos da Psicologia*, de 1928, o jovem pensador Georges Politzer, apesar de prescrever um projeto positivista para a psicanálise, apresentava argumentos que identificavam a morte da psicologia oficial, afirmando que: “*A história da psicologia nos cinqüenta últimos anos não é, portanto, como se costuma afirmar no início dos manuais de psicologia, a história de uma organização, mas a de uma dissolução*”.¹¹⁶ Ele sugere, então, que a análise crítica da psicanálise, que ele passa a elaborar neste texto, pode fornecer este novo horizonte, necessário ao restabelecimento da ciência psicológica, demonstrando o quanto o projeto freudiano carregava em si uma crítica à psicologia clássica, apontada como morta, mesmo que seu próprio fundador não pudesse reconhecer este mérito, ou que seus seguidores tenham retornado ao caminho da psicologia clássica. Em suas palavras, Politzer resume, deste modo, o momento em que vivia a psicanálise neste período de crise da psicologia:

Por seu lado, a psicanálise viu-se tão sobrecarregada pela experiência que, enfim consultada, só queria falar, não teve tempo de dar-se conta de que esconde em seu seio a velha psicologia, que ela tem por missão suprimir, e alimenta com sua força um romantismo sem interesse e especulações que só resolvem problemas ultrapassados.¹¹⁷

¹¹³ Cf. POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*.

¹¹⁴ Cf. MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*; POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*.

¹¹⁵ Cf. POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*.

¹¹⁶ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 40.

¹¹⁷ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 47.

Elevando, deste modo, a psicanálise à única saída possível para a psicologia¹¹⁸, Politzer fará sua crítica assentada nesta diferença entre a introspecção da psicologia clássica e o outro significado cunhado por Freud. Esta diferença essencial é flagrada, porque, em Freud, o que se busca sob o nome de introspecção é, de fato, o sentido do sonho para aquele que sonha, o *drama pessoal*.¹¹⁹

Não é difícil adivinhar que a psicanálise caminha exatamente nessa direção. Freud procura o *sentido* do sonho. Ele não se contenta com o estudo abstrato e formal de seus elementos. Não busca um cenário abstrato e impessoal cujos figurantes são excitações fisiológicas e cujo enredo é constituído por suas andanças pelas células cerebrais. O que ele quer atingir pela interpretação não é o eu (*moi*) abstrato da psicologia, mas o sujeito da vida individual, isto é, o sujeito de um conjunto de acontecimentos únicos, caso se queira: o ator da vida dramática, não o sujeito da introspecção; enfim, o *eu (moi) da vida cotidiana*.¹²⁰

Sendo assim, a introspecção torna-se, na psicanálise, interpretação. É com seu método de interpretação que Freud interrompe o curso da psicologia clássica, substituindo, segundo Politzer, a introspecção, que só pode fornecer a forma e o conteúdo de um ato psicológico, pelo relato, único modo de termos acesso à vida psicológica de outro indivíduo.¹²¹ Mas há uma dificuldade em admitir este procedimento de usar o sujeito na primeira pessoa para tratar do objeto científico, classicamente descrito na terceira pessoa. Mesmo indicando um projeto de ciência positiva, ou concreta, para utilizar seu próprio termo, Politzer desconhece, nesta crítica, o fundamento para rejeitar um projeto científico para a psicanálise. Ele afirma que:

Ou se renuncia à psicologia ou se abandona o método da terceira pessoa quando se estudam os fatos psicológicos. Eles não podem suportar a aplicação dos esquemas que fazem desaparecer a primeira pessoa e tampouco podem entrar em algum processo impessoal, pois tirar do fato psicológico o seu sujeito, que o subentende, é aniquilá-lo enquanto *psicológico*; e concebê-lo de forma que o esquema da concepção

¹¹⁸ Quando escreveu *A Crítica...*, em 1928, Politzer planejava escrever dois outros textos, analisando o Behaviorismo e a Gestalt respectivamente, o que formaria uma única obra de análise das três principais escolas psicológicas da época. O projeto não pôde ser concluído, pois nosso autor filiou-se ao Partido Comunista Francês, no qual participou da Resistência Francesa, sendo morto em 1942 pelos nazistas. Cf. POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*.

¹¹⁹ Cf. POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*.

¹²⁰ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 68.

¹²¹ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 86-7.

implique uma ruptura na continuidade do eu só pode levar a uma mitologia.¹²²

Isso faz lembrar, segundo o comentário de Monzani¹²³ que:

(...) para ver o olho é cego com relação a si mesmo e com relação ao seu modo de funcionamento. De uma certa maneira o discurso psicanalítico mostrou isso à exaustão: nós conhecemos sempre os resultados do trabalho psíquico, não esse trabalho em si. Mas nem os processos nem o aparelho nos são acessíveis e foi necessário todo o discurso teórico da Psicanálise para tentar colocá-los a claro.¹²⁴

É deste modo que entendemos a edificação científica construída por Freud, uma ruptura com a tradição de seu tempo neste novo modo de conhecer este novo objeto que se inaugurava. Para Birman, este novo método, o método de interpretação freudiano, deve ser reconhecido como método de deciframento e não de explicação, como acontece com as ciências tradicionais. Assim, a psicanálise acaba inaugurando uma nova tradição científica.¹²⁵

E aqui, retornarmos ao nosso ponto inicial deste novo saber estabelecido pela escuta clínica, reconhecendo o paradigma indiciário como seu fundamento. É assim, como deciframento, que Freud caracteriza seu método. E apenas com a regra fundamental é possível penetrar neste *drama pessoal*. Pois, segundo Politzer:

Se existem significações íntimas é porque o indivíduo possui uma experiência secreta. Portanto, precisamos penetrar nessa experiência secreta, e só penetraremos nela, evidentemente, à medida que o sujeito nos fornece os materiais que a constituem. Daí a necessidade do procedimento fundamental do método de Freud: as associações livres.¹²⁶

E com a imagem de Dom Quixote, presente neste dispositivo, que revela este homem, livre e desamparado que se deita no divã, passamos ao nosso quinto e último dispositivo técnico a ser analisado: a regra fundamental, escutando a seguinte recomendação: “*Portanto,*

¹²² POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 64.

¹²³ Comentando uma crítica de Comte, Monzani localiza um argumento contra a introspecção e a ciência psicológica. Comte diz: “*A ilusão dos psicólogos a este respeito é análoga à dos antigos físicos, que julgavam explicar a visão dizendo que os raios luminosos traçavam sobre a retina imagens dos objetos exteriores. Os fisiologistas fizeram judiciosamente notar que, se as impressões luminosas atuassem sobre a retina, seria necessário outro olho para vê-las*”. MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. p. 239.

¹²⁴ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. p. 239.

¹²⁵ Cf. BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*.

¹²⁶ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 98.

diga tudo o que lhe vier à mente”. Este é o modo mais simples de apresentar aos pacientes a regra fundamental da psicanálise: a associação livre.

Entretanto, para Politzer, “[...] nas ‘associações livres’, não há nada nem de associação nem liberdade”.¹²⁷ Depois de aprendermos, com Freud, que nosso eu está longe de ser senhor de suas próprias ações, é necessário repensar o que pode significar o termo “livre” nesta expressão. Ou precisamos reconhecer que seria mais adequado substituí-la por “associações determinadas” ou “automáticas”, ou reconheçamos o caráter da novidade psicanalítica, que compreende o termo “livre” enquanto impossibilidade, dada a sua sobredeterminação, mesmo quando se permite ao inconsciente seu retorno. Também o termo “associação” requer uma assepsia. Para Politzer, mais uma vez é preciso não confundir os termos da psicologia clássica com os da psicanálise. Desta feita, o mal-entendido ocorre com o associacionismo. Para a primeira, compreende-se que, numa associação, “[...] as idéias se encadeiam conforme afinidades, aliás, puramente mecânicas”, mas, para a psicanálise, vale a ressalva de que “As ‘experiências de associação’ mostram que as ‘séries associativas’ não se dão à deriva, mas que o sujeito gira sempre em redor de certos temas íntimos”.¹²⁸

Deste modo, o tema da liberdade do pensamento associa-se, para nós, aos dispositivos anteriores como mais uma condição, traduzida por Freud, de pensar o homem moderno e – por que não? – de curá-lo de seus *dramas*.

Assim, comunicar ao paciente a regra significa que todo o cerimonial de entrada na análise foi cumprido, que há uma transferência estabelecida e um contrato firmado, com a aceitação mútua do analista e do analisando de um trabalho a ser realizado. “*Quando devemos iniciar as comunicações ao analisando? Quando é oportuno lhe revelar o significado oculto de seus pensamentos espontâneos, iniciá-lo nos pressupostos e procedimentos técnicos da*

¹²⁷ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 98.

¹²⁸ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 99.

psicanálise?”.¹²⁹ Acrescentamos: quando a verdadeira análise começa? “*A resposta tem de ser: apenas depois que se estabeleceu no paciente uma transferência produtiva, um rapport apropriado*”.¹³⁰

Deste modo, a regra fundamental impõe-se enquanto ponto de partida, após alguns passos terem sido realizados. Esta é, de fato, a única regra irrenunciável. Além de estar ao lado do analisando, a regra deve encontrar sua contrapartida tanto para o analista, quanto para seu método de trabalho empregado. Assim **analisando, analista e método de interpretação** seguem a regra fundamental da psicanálise.

É curiosa a passagem em que Freud orienta o analista sobre como informar esta regra, reproduzindo-a como se falasse ao seu paciente.

Ainda uma coisa, antes de você começar. Há um ponto em que o seu relato deve ser diferente de uma conversa normal. Enquanto geralmente se procura, com razão, manter um fio condutor naquilo que se expõe, excluindo as associações e pensamentos secundários que perturbam a exposição, para não “ir do centésimo ao milésimo” [afastar-se muito do tema], como se diz, você deve proceder de outro modo. Observará que durante o seu relato lhe ocorrerão pensamentos diversos, que você gostaria de rejeitar, devido a certas objeções críticas. Estará tentado a dizer a si mesmo que isso ou aquilo não vem ao caso, ou é totalmente irrelevante, ou é absurdo, e então não é preciso comunicá-lo. Não ceda jamais a esta crítica, e comunique-o apesar disso, ou melhor, precisamente por isso, porque você sente uma aversão àquilo. A razão dessa regra – a única que deve seguir, na verdade – você perceberá e compreenderá depois. Portanto, diga tudo o que lhe vier à mente. Comporte-se, por exemplo, como um viajante que está sentado à janela do trem e descreve para seu vizinho, alojado no interior, como se transforma a vista ante os seus olhos. Enfim, não esqueça jamais que você prometeu sinceridade absoluta, e nunca passe por cima de algo porque alguma razão lhe é desagradável comunicá-la.¹³¹

Quando adverte o médico¹³² sobre sua intenção de tomar notas, caso seu paciente possa ser alvo de uma publicação científica, Freud afirma: “*Um dos méritos que a psicanálise*

¹²⁹ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 167.

¹³⁰ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 167.

¹³¹ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 164.

¹³² O termo *analista* só aparece no texto seguinte, em *Sobre o início do tratamento* (1913). Neste momento, a substituição de *Artz* por *Analytiker* não parecia necessária. FREUD, S. *Artigos sobre Técnica*. (1911-1915). p. 114.

reivindica para si é o fato de nela coincidirem pesquisa e tratamento”.¹³³ E isto é expresso em muitas passagens de sua obra, o que ajudou a criar uma versão lendária¹³⁴, de que foram as pacientes históricas que criaram a psicanálise. Primeiro com Anna O., revelando a expressão *talking cure*, e, assim, iniciando o que depois seria formalizado como o tratamento analítico. Em seguida, com Emmy Von N., advertindo Freud que a deixasse falar sem precisar tocá-la, ela propunha o desvio da conduta médica habitual, substituindo o ver pelo escutar. Estava formalizada a regra fundamental¹³⁵ da associação livre.

Ainda nas *Recomendações...* (1912), Freud oferece a contrapartida para o analista da regra fundamental. Ele chama de atenção flutuante, que “[...] *rejeita qualquer expediente, como veremos, mesmo o de tomar notas, e consiste apenas em não querer notar nada em especial*” e deste modo:

[...] escapamos a um perigo que é inseparável do exercício da atenção proposital. Pois ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim um outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações. Justamente isso não podemos fazer, seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber.¹³⁶

À primeira vista, parece ser o cientista Freud, leitor e tradutor de Stuart Mill¹³⁷, que fala sobre uma pretensa objetividade daquele que escuta. Mas, diferente do cientista de sua época com sua *atenção proposital*, que buscava, na observação minuciosa e destituída de subjetividade, perscrutar os caminhos para suas descobertas. Mas não se tratando de uma ciência na terceira pessoa, o que Freud prescreve, com sua regra, ao analista, é explorar aquilo que, de imediato, pudesse parecer descartável ou sem sentido. Deste modo, reconhecemos

¹³³ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 430.

¹³⁴ ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. p. 603-4.

¹³⁵ Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. p. 79-81.

¹³⁶ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 428.

¹³⁷ Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*.

fortemente o paradigma indiciário de Ginzburg na regra da *atenção flutuante* da psicanálise. Freud finaliza: “*Não devemos esquecer que em geral escutamos coisas cujo significado será conhecido apenas posteriormente*”.¹³⁸ O significado só pode ser conhecido depois de feita a tradução daquilo que foi dito, sonhado ou sintomatizado pelo paciente. Seguindo um pouco mais nas *Recomendações...*, capturamos uma analogia com o objeto da psicanálise, como aquele que deve ser traduzido. Deste modo, invocando o analista enquanto tradutor, intérprete de uma linguagem que deve expressar-se para além de uma censura. Freud dirá:

(...) ele deve voltar seu inconsciente, como um órgão receptor, para o inconsciente emissor do doente, colocar-se ante o analisando como o receptor do telefone em relação ao microfone. Assim como o receptor transforma novamente em ondas sonoras as vibrações elétricas da linha provocadas por ondas sonoras, o inconsciente do médico está capacitado a, partindo dos derivados do inconsciente que lhe foram comunicados, reconstruir o inconsciente que determinou os pensamentos espontâneos do paciente.¹³⁹

Pois sua técnica, ampliada/revertida no método de interpretação dos sonhos, é adequada para superar as resistências, evocando o retorno daquilo que fora recaiado, e que permanece inconsciente, retornando em suas diversas formações (lapsos, chistes, sonhos e sintomas).

No texto de 1911, *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise*, temos o conselho freudiano de como agir com a interpretação dos sonhos na análise.¹⁴⁰ Ele sugere que deve ser seguida a mesma regra fundamental, mesmo que não se chegue a interpretar todo o conteúdo numa mesma sessão de análise, ou nas sessões subseqüentes. Recorrendo à sua concepção do inconsciente e dos sonhos como uma de suas derivações, Freud abaliza seu argumento de que não se perde material valioso ao deixar o paciente abordar sempre o que lhe ocorre primeiro – seguindo sua regra fundamental. Pois, segundo ele: “*Em geral podemos*

¹³⁸ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 428.

¹³⁹ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 432

¹⁴⁰ FREUD, S. *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise*. p. 260.

estar certos de que todo desejo que hoje dá origem a um sonho retornará num outro sonho, na medida em que não seja entendido e subtraído à dominação do inconsciente”.¹⁴¹

Neste ponto, devemos ressaltar o retorno de Freud à sua máxima de que o sonho é a realização de um desejo.¹⁴² Para Politzer, ao falar de desejo, Freud “[...] vincula o sonho à experiência individual concreta” pois: “Não se trata de afirmar que o sonho é a realização do Desejo em geral, mas a realização de um desejo particular, determinado em sua forma pela experiência particular de um indivíduo particular”.¹⁴³ Seguindo sua análise, Politzer encerra seu argumento de que este particular, em Freud, obedece ao princípio da indução, ao extrair universais de experiências particulares. E aqui ele aponta um caráter singular da psicanálise, dizendo:

Podemos citar como exemplos clássicos das induções freudianas a maneira como se constituiu a simbólica (tão desabonada!) dos sonhos. A análise de uma enorme quantidade de sonhos permitiu a Freud constituir essa simbólica que, embora sem valor universal, aplica-se, todavia, à média dos indivíduos, a todos, para certos sonhos.¹⁴⁴

Podemos concluir que é possível gerar hipóteses ou modelos universais a partir da experiência clínica psicanalítica. De outro modo, nem as recomendações técnicas e tampouco o método de interpretação teriam validade. Mas, a exemplo de sua simbólica, sem valor universal, é preciso reconhecer, em sua técnica, que a psicanálise instaura: “*Um saber empírico que só pode constituir-se a posteriori, extraindo dos fatos o ensinamento que eles contêm*”.¹⁴⁵ Voltando ao questionamento de Politzer, abordado no dispositivo anterior, sobre uma ciência possível na primeira pessoa, pensamos, assim, trazer mais este argumento de que a psicanálise inaugura uma nova tradição científica.¹⁴⁶

¹⁴¹ FREUD, S. *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise*. p. 262.

¹⁴² Título do capítulo III, do Livro I, de *A interpretação dos sonhos*. p. 141.

¹⁴³ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 73.

¹⁴⁴ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 81.

¹⁴⁵ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 79.

¹⁴⁶ Cf. BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*.

Este conjunto de técnicas, sedimentadas em sua regra fundamental, rege o método de interpretação para, desta forma, criar as condições iniciais da psicanálise. Portanto, nesta estrutura proposta por Freud para este Cerimonial, nos (5) dispositivos descritos anteriormente, reconhecemos a formalização de sua prática, identificamos, para além de uma forma, o que estes conteúdos significaram na constituição da psicanálise, enquanto teoria na modernidade. Vale a ressalva de que apenas este quinto dispositivo, a regra fundamental, prossegue como regra de fato neste próximo momento, na *arte do meio jogo*, que ocorre após as *aberturas*. Ainda nos valendo das palavras de Quinet: “*Trata-se de uma regra correlata à própria estrutura do campo psicanalítico aberto por Freud. É a associação livre que marca o início da psicanálise e também o início de cada psicanálise – é o ponto em que a análise deve começar*”.¹⁴⁷

Para finalizar este capítulo sobre as *aberturas*, verificamos uma advertência de Freud nesta intrincada relação estabelecida para a psicanálise com sua técnica:

Nas páginas que seguem procurarei reunir, para uso do analista praticante, algumas dessas regras acerca do início do tratamento. (...) Mas farei bem em designá-las “recomendações” e em não reivindicar sua obrigatoriedade. A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos anímicos e a riqueza de fatores determinantes resistem à mecanização da técnica e permitem que um procedimento em geral correto permaneça eventualmente sem efeito, e que um outro, normalmente errado, conduza ao objetivo. Estas circunstâncias não impedem, porém, que se estabeleça uma conduta medianamente adequada para o médico.¹⁴⁸

Longe de formar um bloco de leis impenetráveis, nosso mestre procurou reunir sob a insígnia de um certo cerimonial algumas regras de conduta. Reconhecemos que uma cautela deve acompanhar o estudo diligente da técnica psicanalítica, senão estaremos confirmando a crítica audaz do professor Bento Prado Jr., quando afirma que os psicólogos: “*Praticam um*

¹⁴⁷ QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. p. 11.

¹⁴⁸ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 153-4.

ritual experimental mecanicamente, ficam na letra, sem dispor de um acesso ao espírito da ciência ou à eficácia da construção conceitual da experiência”.¹⁴⁹

O próprio Freud temia, ao escrever sobre a técnica, servir aos praticantes um manual regidamente seguido, impedindo o que de mais caro há que ser levado em conta numa análise: a criação de um espaço intersubjetivo, uma vez que é pela análise dos próprios sonhos¹⁵⁰ que alguém pode tornar-se analista. É por isso que, “*Quando o analista pede ao sujeito para dizer tudo, o que lhe vem à cabeça, sem crítica e sem reticência, está pedindo que ele abandone todas as montagens convencionais, livre-se de toda técnica e toda a arte, para deixar-se inspirar pela sua dialética secreta*”.¹⁵¹ E o que podemos alcançar a partir desta nota politzeriana? Buscamos nossa resposta em Freud. Seu aviso inicial sobre a *infinita variedade de movimentos após a abertura* é nosso guia nesta próxima tarefa de analisar o que ocorre, se uma arte ou uma técnica, depois de serem cumpridas as condições iniciais. É a esta *arte do meio jogo*, para manter a analogia com o xadrez, onde o improvisado brilha com toda intensidade que voltaremos nossa análise no próximo capítulo.

¹⁴⁹ PRADO JR. B. *Georges Politzer: sessenta anos da Crítica dos Fundamentos da Psicologia*. p. 42.

¹⁵⁰ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 433.

¹⁵¹ POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. p. 100.

Por isso, ter uma boa memória e jogar de acordo com o “livro” são pontos comumente encarados como o sumo do bem jogar. Mas é nas questões acima dos limites da simples regra que se evidencia o talento do analista. Em silêncio, faz ele uma série enorme de observações e inferências. O mesmo talvez façam seus parceiros e a diferença de extensão das informações obtidas não se encontra tanto na validade da dedução como na qualidade da observação.
Os crimes da Rua Morgue
Edgard Allan Poe

CAPÍTULO 2

A arte do meio jogo: elementos de resistência à mecanização da técnica

Em nosso capítulo 1, seguimos nossa hipótese do conjunto orgânico *prático-técnico-teórico*, evidenciando a centralidade da técnica. Agora, através dos outros dois elementos deste conjunto, a saber, a prática e a teoria, seremos conduzidos a identificar este movimento, interno à psicanálise, de resistência à mecanização de sua técnica.

Assim, pensamos localizar o sentido próprio de uma psicanálise nesta *arte do meio jogo*, equivalente ao jogo de xadrez. Se Freud aduz que “*A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos anímicos e a riqueza de fatores determinantes resistem à mecanização da técnica*”¹⁵², somos levados a reconhecer que, durante o ato analítico, há espaço para o improvisado que também caracterizava o jogo de xadrez ainda nesta época em Viena. Como verificamos em nossa *abertura*, a psicanálise e seu fundador são obra de seu tempo. E também aqui conferimos a veracidade de nossa hipótese ao identificar em Freud o tradutor de uma era.

Reconhecendo nas palavras de Freud esta aproximação da psicanálise com a arte, encontramos a expressão arte de interpretação, em dois textos do conjunto de artigos técnicos por nós estudados. Em *O uso da interpretação...*(1911), ele adverte:

¹⁵² FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 153-4.

A questão que hoje tenciono abordar não é da técnica de interpretação dos sonhos. Não se discutirá como interpretar sonhos e que valor dar à sua interpretação, mas apenas que utilização se deve fazer, no tratamento psicanalítico de doentes, da arte da interpretação dos sonhos. Sem dúvida pode-se proceder de maneiras diversas, mas nunca é óbvia, na psicanálise, a resposta a questões técnicas.¹⁵³

E ainda em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) ele também afirma que:

Por fim se formou a técnica coerente de agora, na qual o médico renuncia a enfocar um motivo ou problema determinado e se contenta em estudar a superfície psíquica apresentada pelo analisando, utilizando a arte da interpretação essencialmente para reconhecer as resistências que nela surgem e torná-las conscientes para o doente.¹⁵⁴

Mas o que Freud tentava estabelecer, ao introduzir a expressão *arte da interpretação* quando faz referências à sua técnica? Devemos responder a esta pergunta circunscrevendo uma resposta à hipótese de nossa investigação, segundo a qual, a jovem ciência freudiana deve ser entendida como obra da modernidade. Com efeito, entendemos que a dissociação entre a arte e a técnica é contemporânea, expressão de um momento da história onde se faz necessária uma demarcação entre o lugar do impreciso, da arte, do artista enquanto autor, aquele que inaugura o espaço individual, e o lugar das técnicas de reprodução, mecânicas e automáticas, que encontram sua expressão contemporânea na figura do artesão. Portanto, parece-nos que Freud utilizou a expressão *arte de interpretação* para estabelecer este movimento de resistência à mecanização de sua técnica neste *meio jogo*.

Neste ponto, pensamos ser pertinente recorrer a Walter Benjamin para esclarecer esta aproximação entre arte e técnica ainda presentes em Freud, já que a separação entre as duas parece-nos hoje inevitável. Seguindo a leitura dos textos de Benjamin, enveredamos pela descrição, que faz o autor, desta cisão da arte e da técnica a partir de uma análise da modificação do sentido das artes, quando estas perdem a qualidade daquilo que é dado apenas uma vez, em virtude do aprimoramento de suas técnicas de reprodução.

¹⁵³ FREUD, S. *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise*. p. 259.

¹⁵⁴ FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar*. p.125-6.

Ainda em sua discussão sobre a arte em tempos de reprodução, Benjamin introduz o conceito de *aura*, para recuperar este sentido da arte, definido-a, deste modo,

(...) como única aparição de uma realidade longínqua, por mais próxima que esteja. Num fim de tarde de verão, caso se siga com os olhos uma linha de montanhas ao longo do horizonte ou a de um galho, cuja sombra pousa sobre o nosso estado contemplativo, sente-se a aura dessas montanhas, desse galho”.¹⁵⁵

Este conceito de *aura* fornece uma distinção apropriada entre a arte e a psicanálise, que a aproxima da ciência. Entendemos que, mesmo escapando desta rigidez nos procedimentos, na mecanização da técnica, há um fim comum às ciências, pretendido também pela psicanálise. No entanto, flagramos um movimento contrário presente nas artes, pois quando perguntamos para que serve a arte, deparamos imediatamente com uma falta de explicação: Não se pode dizer para que serve. Sua necessidade vem, exatamente, de sua não utilidade, tanto para o artista que a produz, quanto para o espectador que a contempla. O que podemos dizer é que a arte serve à contemplação. Numa interessante passagem de Ítalo Calvino, no seu livro *Por que ler os clássicos*, sua resposta parece-nos apropriada para corroborar nossa afirmação sobre a *utilidade* da arte. Após argumentar sobre sua questão central, *o que é um clássico?* - Calvino finaliza seu ensaio introdutório fazendo a seguinte ressalva:

Depois deveria reescrevê-lo [este artigo] ainda uma vez para que não se pense que os clássicos devem ser lidos porque “servem” para qualquer coisa. A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos.

E se alguém objetar que não vale a pena tanto esforço, citarei Cioran (...): “Enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. ‘Para que lhe servirá?’, perguntaram-lhe. ‘Para aprender esta ária antes de morrer’”.¹⁵⁶

Partilhamos com Calvino a opinião do que seja um clássico, e apoiada sobre a noção de *aura* em Benjamin, podemos defini-lo como arte. Pensamos que também apenas uma leitura dos textos de Freud é melhor do que nunca ter lido, portanto em nossa opinião a

¹⁵⁵ BENJAMIN, W. *A obra de arte*. p. 9.

¹⁵⁶ CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. p. 16.

literatura freudiana é também um clássico. Na introdução de seu livro, Calvino apresenta ainda quatorze definições¹⁵⁷ para o que ele chama de clássico, e também nelas encontramos elementos que ajudam a definir a obra freudiana como tal, advertimos, entretanto, que não se trata de uma arte literária. Conquanto, sabemos que na psicanálise dispomos de material restrito com as *aberturas*, através dos procedimentos técnicos, e de uma “*infinita variedade de movimentos*” que resistem a uma reprodução de sua técnica. Mas sabemos também que com os *finais* e a pretendida cura, há um propósito para a psicanálise, como há um propósito para as ciências, confirmado pela intervenção, pela manipulação e pelo controle¹⁵⁸ da natureza, especificamente da natureza humana, no caso da psicanálise.

Conseqüentemente, na falta de procedimentos mecanizados da técnica psicanalítica, que faz Freud referir-se ao método psicanalítico como uma arte interpretativa, parece-nos evidente que ele tenha incluído nos três textos que passamos a analisar, *A Dinâmica da Transferência* (1912), *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) e *Observações sobre o Amor de Transferência* (1915), dois fundamentos de sua teoria, definidos como Transferência e Repetição. Assim, apontamos, como bem definiu Althusser¹⁵⁹, para a ligação orgânica deste conjunto formalmente científico *prático-técnico-teórico* que é a psicanálise. Pois, “*Apenas o estudo diligente de partidas dos mestres pode preencher a lacuna na instrução*”.¹⁶⁰ Na instrução deste *meio jogo*. “*Portanto, advogo que a interpretação de sonhos no tratamento analítico não seja praticada como uma arte em si mesma, mas que o seu uso seja submetido às regras que presidem a realização da terapia*”.¹⁶¹

Portanto, respondida nossa questão, acerca de porque Freud utiliza a expressão *arte da interpretação* ao falar de técnica, passamos à análise dos textos selecionados acrescentando

¹⁵⁷ Cf. CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. pp. 9-16.

¹⁵⁸ Os termos aqui utilizados, *intervenção*, *manipulação* e *controle*, podem chocar analistas, mas são bem compreendidos no meio científico, por isso optamos em mantê-los de acordo com nosso propósito, neste trecho, de aproximar o discurso psicanalítico ao das ciências. Lembramos também que nossa pesquisa é em epistemologia e não em teoria psicanalítica, o que nos permite um uso mais ampliado de vocabulário.

¹⁵⁹ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan - Marx e Freud*.

¹⁶⁰ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 153.

¹⁶¹ FREUD, S. *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise*. p. 263

uma leitura pontual dos casos clínicos publicados na obra freudiana. Pois, quando abordamos nossa discussão sobre o lugar da arte, enquanto expressão de uma resistência à mecanização neste *meio jogo* da técnica psicanalítica, percebemos o valor inestimável dos casos clínicos para Freud enquanto desenvolvia suas recomendações técnicas. Neles, além de evidenciar toda a capacidade de improviso decorrente de sua “*infinita variedade de movimentos*”, Freud aponta o traçado inicial do que viria a ser o conjunto de textos técnicos de 1911 a 1915.

Vale a ressalva de que não faremos uma análise pormenorizada ou mesmo uma análise sobre a teoria psicanalítica evidenciada nestes casos clínicos publicados. Estas análises vêm sendo feitas por toda uma literatura psicanalítica pós-freudiana¹⁶², no entanto, apenas com uma nova dissertação seria possível fazer um levantamento bibliográfico extenso para contemplar tantas leituras ou reinterpretações até o presente. Portanto nossa análise se restringirá ao texto freudiano sem preocupações com análises ulteriores ou em buscar fontes secundárias.¹⁶³

Há uma extensa lista de casos clínicos publicados por Freud, mas para nosso propósito iremos delimitar estas observações aos casos clínicos apresentados a partir de 1905, quando a regra fundamental da associação livre já vigorava e a hipnose ou o método de sugestão haviam sido devidamente abandonados por Freud em sua prática. Segundo Ernest Jones¹⁶⁴, foram seis longos casos publicados por Freud durante o período que delimitamos – após 1905 - e que “*Estão na primeira linha dos clássicos da literatura psicanalítica*”¹⁶⁵, sendo eles 1)*Fragmento da análise de um caso de histeria*, 2)*Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, 3)*Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 4)*Observações psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, 5)*História de uma neurose infantil* e 6)*A*

¹⁶² Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*; ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*; JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*.

¹⁶³ Com exceção apenas aos biógrafos Peter Gay e Ernest Jones, para coletar dados históricos e cronológicos mais precisos. Assim, Peter Gay, em nota de rodapé à página 233, comenta sobre o retorno de psicanalistas atuais ao estudo dos casos de Freud, apontando a fragilidade técnica e teórica flagradas no texto freudiano, mas ressalta a importância destes escritos enquanto modelos de instrução ou formação para analistas pós-freudianos.

¹⁶⁴ JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. vol 2, p.260.

¹⁶⁵ JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. vol 2, p.260.

psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Os cinco primeiros casos tornaram-se famosos e hoje são reconhecidos simplesmente como *O Caso Dora*, *O Pequeno Hans*, *O Homem dos ratos*, *O Presidente Schreber* e *O Homem dos lobos* respectivamente.

No entanto, pareceu-nos suficiente apresentar fragmentos de dois casos, a saber: *Dora* e o *Homem dos ratos*, para seguir nosso propósito de flagrar o movimento de resistência à mecanização da técnica psicanalítica, apontando para este conjunto técnico-teórico-prático. Afinal, segundo o biógrafo Peter Gay:

O laboratório de Freud era seu divã. Desde o começo dos anos 1890, os pacientes de Freud haviam lhe ensinado muito do que ele sabia, obrigando-o a refinar sua técnica, abrindo perspectivas impressionantes para novos pontos de partida teóricos, confirmando ou forçando-o a corrigir – ou mesmo abandonar – hipóteses acalentadas.¹⁶⁶

Depois deste rápido panorama que nos insere no universo destes dois pacientes freudianos¹⁶⁷, parece-nos importante evidenciar o quanto a técnica passou por elaborações a partir de sua prática, antes de nosso autor finalmente publicar suas recomendações nos textos de 1911 a 1915. Encontramos nas *Notas Preliminares* do caso *Dora* a seguinte justificativa para o emprego da associação livre, regra fundamental da técnica psicanalítica:

(...) abandonei essa técnica [da sugestão] por achá-la totalmente inadequada para lidar com a estrutura mais fina da neurose. Agora deixo que o próprio paciente determine o tema de trabalho cotidiano, e assim parto da superfície que seu inconsciente ofereça a sua atenção naquele momento. Mas desse modo, tudo o que se relaciona com a solução de determinado sintoma emerge em fragmentos, entremeados com vários contextos e distribuído por épocas amplamente dispersas. Apesar dessa aparente desvantagem, a nova técnica é muito superior à antiga, e é incontestavelmente a única possível.¹⁶⁸

Temos aqui um argumento muito próximo ao usado por Freud, quando de sua apresentação sobre a regra fundamental em *Sobre o início do tratamento*¹⁶⁹ (um dos seis textos de nosso conjunto das recomendações técnicas) e deste modo percebemos a estreita

¹⁶⁶ GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. p. 232.

¹⁶⁷ Sugerimos tanto a leitura dos biografos Peter Gay e Ernest Jones, como também da historiadora Elisabeth Roudinesco, que constam em nossas referências, como fonte secundária sobre os casos clínicos citados.

¹⁶⁸ FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. vol. VII p. 20-1.

¹⁶⁹ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 164.

ligação entre técnica e prática. Portanto, reconhecemos o valor desta experiência relatada se pensarmos em nosso propósito de ilustrar nossa hipótese acerca das elaborações construídas por Freud, para sua jovem ciência, enquanto um conjunto orgânico.

Apresentamos ainda em *Dora* um segundo trecho, nas *Notas Preliminares*, que serve como mais uma ilustração de nossa hipótese acima mencionada: “*Para a fundamentação das regras técnicas, a maioria das quais foi descoberta de maneira empírica, seria preciso coligir material de muitos casos clínicos*”.¹⁷⁰ Aqui percebemos a necessidade de um Freud indutivista e sua busca em moldar a psicanálise de acordo com os pressupostos do indutivismo, modelo de ciência que vigorava em sua época. Para nós, mais do que comprovar suas hipóteses, através de uma extensa lista de exemplos retirados de sua prática, os casos clínicos atestam a ligação orgânica entre prática, técnica e teoria já mencionada.

No *Posfácio* deste mesmo caso, esta relação entre técnica e teoria ganha uma explicação importante de um Freud que advoga em favor de sua jovem ciência contra as críticas já costumeiras a ela. Ele faz a seguinte advertência:

Aos colegas que consideram puramente psicológica minha teoria da histeria, e que por isso a qualificam de antemão como incapaz de solucionar um problema patológico, deduzirão deste ensaio que sua objeção transfere injustificadamente para a teoria o que constitui uma característica da técnica. Apenas a técnica terapêutica é puramente psicológica; a teoria de modo algum deixa de apontar para as bases orgânicas da neurose, muito embora não as procure em alguma alteração anátomo-patológica e substitua provisoriamente pela função orgânica a alteração química esperada, mas ainda impossível de conceber atualmente.¹⁷¹

Assim, além de justificar seu campo como novo e esperar que novas descobertas possam reiterar suas hipóteses, Freud esclarece como sua jovem ciência pretende instaurar este novo campo de saber diante de fenômenos explicados apenas pela medicina e sua causalidade fisiológica. Como a histeria caracteriza-se principalmente pela conversão de afetos recalçados em afecções pelo corpo, o sintoma no corpo, Freud estabelece a diferença

¹⁷⁰ FREUD. S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 21.

¹⁷¹ FREUD. S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 108.

entre psicanálise e medicina a partir da distinção dos fenômenos tratados afirmando que “*Todavia, não se deve pretender inferir dessa relação nenhuma hierarquia entre os dois elementos [somático e psíquico]. Para a terapia psíquica, a parte psíquica é sempre mais significativa*”.¹⁷²

Diante deste novo campo que se constituía, Freud segue em sua explicação sobre as limitações de uma apresentação da técnica psicanalítica, no caso publicado, dizendo:

Contudo, não se deve imaginar que foi particularmente grande a abreviação produzida pela omissão da técnica neste caso. Justamente a parte mais difícil do trabalho técnico nunca entrou em jogo com essa paciente, pois o fator da “transferência”, considerado no final do caso clínico, não foi abordado durante o curto tratamento.¹⁷³

E aqui estabelecemos nosso segundo interesse ao abordar este caso clínico, pois, para Freud, falar de Dora era tratar da transferência: “*Fui obrigado a falar da transferência porque somente através desse fator pude esclarecer as particularidades da análise de Dora*”.¹⁷⁴ E o que ele diz, ainda em 1905, sobre a transferência?¹⁷⁵

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. Algumas dessas transferências em nada se diferenciam de seu modelo, no tocante ao conteúdo, senão por essa substituição. São, portanto, para prosseguir na metáfora, simples reimpressões, reedições inalteradas. Outras se fazem com mais arte: passam por uma moderação de seu conteúdo, uma *sublimação*, como costume dizer, podendo até tornar-se conscientes ao se apoiarem em alguma particularidade real habilmente aproveitada da pessoa ou das circunstâncias do médico. São, portanto, edições revistas, e não mais reimpressões.¹⁷⁶

Com esta citação podemos introduzir a questão subsequente, de nossa pesquisa, que nos remeteu ao estudo dos casos clínicos, a saber, a presença de pressupostos teóricos nos

¹⁷² FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 57.

¹⁷³ FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 21.

¹⁷⁴ FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p.112.

¹⁷⁵ Em uma nota de rodapé acrescentada em 1923, Freud faz referências aos dois textos técnicos, *Sobre o amor de transferência* e *A dinâmica da transferência*, que deram prosseguimento ao tema da transferência.

¹⁷⁶ FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 110.

textos técnicos, que apontam para a ligação orgânica entre técnica e teoria, mas além disso, como necessidade, preconizada por Freud, do analista estar apto a lidar com a falta de procedimentos mecanizados. Freud chega a afirmar que a transferência conduz ao estudo de uma necessidade vital da técnica psicanalítica¹⁷⁷ e recomenda que se dedique a atenção necessária ao problema da transferência no início de seu último texto (1915) de nosso conjunto de recomendações técnicas, afirmando que:

Todo iniciante na psicanálise provavelmente se assusta com as dificuldades que lhe aparecerão, ao interpretar as associações do paciente e cuidar da reprodução do reprimido. Mas logo chega o momento de ele atribuir pouco valor a essas dificuldades, e convencer-se de que as únicas realmente sérias estão no uso da transferência.¹⁷⁸

Recuando no tempo, encontramos no texto de 1912, “*algumas observações que levam a entender como surge necessariamente a transferência numa terapia analítica e como ela chega a desempenhar seu conhecido papel no tratamento*”.¹⁷⁹ É o que passamos a examinar agora: a transferência e suas implicações na técnica psicanalítica.

Nesse momento, destacamos o segundo caso clínico, como mencionamos anteriormente. As *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, ou apenas *O Homem dos ratos*, apresentam uma peculiaridade, o registro das primeiras sessões, feitos por Freud diariamente, foram anexados à edição inglesa utilizada para a tradução das obras completas em português. Um precioso registro, se pensarmos que nosso autor tinha por hábito destruir seus originais¹⁸⁰, e segundo Strachey (em sua *Nota do editor*):

O registro é notável pelo fato de fornecer a única imagem que temos do tipo de matéria prima na qual se assentava o trabalho total de Freud e pelo modo paulatino com que esse material vinha à luz. Finalmente, ele nos dá a oportunidade única de observar a detalhada elaboração da técnica de Freud na época dessa análise.¹⁸¹

¹⁷⁷ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 153.

¹⁷⁸ FREUD, S. *Observações sobre o amor de transferência*. p. 437.

¹⁷⁹ FREUD, S. *A Dinâmica da Transferência*. p. 251.

¹⁸⁰ GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. p. 13.

¹⁸¹ FREUD, S. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. Vol. X. p. 255.

Ainda segundo o editor inglês, não há uma diferença substancial entre a versão original e a publicada por Freud, fazendo uma ressalva apenas em relação à primeira entrevista. Como verificamos no capítulo anterior de nossa dissertação, as primeiras entrevistas têm uma relevância enquanto dispositivo técnico, portanto as notas originais de Freud são um bom exemplo de como ele empregava sua técnica, lembrando que este caso clínico é de um período anterior aos textos de 1911-1915, daí podermos depreender o quanto sua prática contribuiu para suas recomendações técnicas. Deste modo, parece-nos parcialmente adequada a análise realizada por Peter Gay, quando aborda o tema da técnica e sua relação com os casos clínicos de Freud. Ele informa que:

Cada um dos grandes casos clínicos de Freud era, de modo mais ou menos explícito, um curso condensado de técnica psicanalítica. As anotações parcialmente remanescentes de um dos casos, o do Homem dos Ratos, também atestam a soberana presteza de Freud em desobedecer a suas próprias regras.¹⁸²

Dizemos *parcialmente adequada* porque entendemos que aqui o biógrafo cometeu um erro no mínimo cronológico, ao estabelecer a desobediência de Freud quanto às suas próprias regras. Gay¹⁸³ argumenta particularmente sobre a passagem em que Freud revela que seu paciente estava com fome e foi saciado. O que o biógrafo omite é a seqüência dos fatos, que, para nós, sugere uma importante imagem da elaboração freudiana posterior sobre a técnica e notadamente sobre a transferência. Temos as seguintes anotações sobre o episódio, na versão original:

28 de dez. – Ele estava com fome e foi alimentado.¹⁸⁴

2 de dez. [? Jan.] – (...) Tudo quanto foi capaz de dizer, a princípio, foi que detestava grandemente arenques; há pouco [cf. pg. 302], quando se alimentou, haviam-lhe dado um arenque e ele o deixou intocado.¹⁸⁵

4 de jan. – (...) Nessa transferência pensou que eu tirara algum proveito da refeição que lhe dera [pág. 302]; isso porque ele tinha gasto algum

¹⁸² GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. p. 274.

¹⁸³ GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. p. 274.

¹⁸⁴ FREUD, S. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. Vol. X. p. 302.

¹⁸⁵ FREUD, S. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. Vol. X. p. 306.

tempo comendo e o tratamento assim iria durar mais tempo. Ao me entregar o pagamento pelas consultas, ocorreu-lhe a idéia de que também teria de me pagar pela refeição...¹⁸⁶

Parece-nos inegável estabelecer este movimento, seguindo as anotações originais de nosso mestre, de uma técnica e uma teoria que eram montadas a partir de sua prática. Podemos recordar o que foi dito, em nosso capítulo anterior, sobre o dispositivo técnico do pagamento. Freud adverte¹⁸⁷ sobre o tratamento gratuito e o dever de gratidão por ele originado, servindo para aumentar as resistências do paciente em relação ao tratamento decorrentes da transferência. Conseqüentemente, seguindo as recomendações sobre o dispositivo do pagamento¹⁸⁸, encontramos sua relação estreita com a transferência vivenciada por Freud com este paciente.

Entretanto, para estabelecer criteriosamente a noção de transferência e seu significado em psicanálise, é preciso, antes, reconhecer o sentido de libido em toda a construção teórica freudiana. Revelando esta ligação entre os termos libido e transferência, a autora de *O conceito de repetição em Freud*, Lúcia Grossi dos Santos, argumenta, em seu comentário do texto de 1912, *A Dinâmica...*, que:

(...) Freud explicita um certo movimento da libido presente no tratamento psicanalítico, que agora se fundamenta teoricamente no conceito de transferência. O que havia sido reconhecido no caso Dora como aquilo que escapou à perspicácia do analista torna-se o centro da preocupação clínica, onde se decidirá o êxito ou não do tratamento.¹⁸⁹

Em certa medida, a transferência ligada à libido, entendida como energia sexual, revela-se na terapia analítica através da relação do analisando com o analista. E sobre esta relação encontramos as seguintes palavras de Freud no *Posfácio*, do caso *Dora* indicando o quanto a transferência pode ser um obstáculo ou, do contrário, pode converter-se na maior aliada do tratamento:

¹⁸⁶ FREUD, S. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. Vol. X. p. 313.

¹⁸⁷ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 162.

¹⁸⁸ Cf. FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*.

¹⁸⁹ SANTOS, L. G. dos. *O conceito de repetição em Freud*. p. 22.

O tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas simplesmente a revela, como a tantas outras coisas ocultas na vida anímica. A única diferença manifesta-se em que, espontaneamente, o enfermo só evoca transferências ternas e amistosas que contribuam para sua cura; não podendo ser esse o caso, ele se afasta o mais rápido possível, sem ser influenciado pelo médico que não lhe é “simpático”. Na psicanálise, por outro lado, de acordo com sua colocação diferenciada dos motivos, despertam-se todas as moções [do paciente], inclusive as hostis, mediante sua conscientização elas são aproveitadas para fins de análise, e com isso a transferência é repetidamente aniquilada.¹⁹⁰

Vale notar as semelhanças do texto acima, de 1905, com as palavras encontradas nas recomendações técnicas sobre a transferência, principalmente nos textos *A Dinâmica da transferência* (1912) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915).

Ainda sobre a ligação entre libido e transferência devemos salientar que uma leitura atenta mostra-se suficiente para que não se atribua à psicanálise o pansexualismo de que Freud foi acusado em diversos momentos.¹⁹¹ O seu uso do termo sexualidade também merece uma assepsia, assim como uma ampliação. Ele o define deste modo, no texto de 1912:

(...) temos de chegar à compreensão de que todos os nossos afetos de simpatia, amizade, confiança, etc., tão proveitosos na vida, ligam-se geneticamente à sexualidade e se desenvolveram, por enfraquecimento da meta sexual, a partir de anseios puramente sexuais, por mais puros e não-sensuais que se apresentem à nossa autopercepção consciente. Originalmente só conhecemos objetos sexuais; a psicanálise nos faz ver que as pessoas que em nossa vida são apenas estimadas ou veneradas podem ser ainda objetos sexuais para o inconsciente dentro de nós.¹⁹²

Destarte, entendemos a sexualidade como da ordem daquilo que agrega os sujeitos, regida pela pulsão. Originalmente só conhecemos objetos sexuais, ou objetos pulsionais, pois, em nossa infância, todo o desenvolvimento humano é acompanhado de objetos desta natureza (como, por exemplo, o seio, as fezes, o pênis, a voz e o olhar). Em outro importante texto de sua edificação teórica, os *Três ensaios sobre Sexualidade* (1905), Freud teceu argumentos para sua teoria sobre a sexualidade infantil e confirmou o alcance destas experiências primordiais para a vida futura do adulto.

¹⁹⁰ FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 111

¹⁹¹ Cf. GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*.

¹⁹² FREUD, S. *A Dinâmica da Transferência*. p. 256.

O amor de transferência é uma das mais fortes expressões destas experiências, porquanto devemos reconhecer que “(...) *todo ser humano, pela ação conjunta de sua disposição inata e de influências experimentadas na infância, adquire um certo modo característico de conduzir sua vida amorosa*”.¹⁹³ O sujeito repete, na vida adulta, as mesmas condições com que aprendeu a lidar com suas relações amorosas iniciais. Daí, a importância do Mito de Édipo, porque, invariavelmente, as relações amorosas iniciais constituem-se no núcleo parental – ou na falta dele. Freud reconhece, nas palavras seguintes, a transferência em *Dora*:

Desde o início ficou claro que em sua fantasia eu substituí meu pai, o que era fácil de compreender em vista de nossa diferença de idade. *Dora* chegou até a me comparar com ele conscientemente, buscando, angustiada, assegurar-se de minha completa sinceridade para com ela, já que seu pai “preferia sempre o segredo e os rodeios tortuosos”.¹⁹⁴

Como consequência destas descobertas Freud vai proferir, em 1915, que: “*Não existe paixão que não repita modelos infantis. É justamente o condicionamento infantil que lhe confere o caráter compulsivo que lembra o patológico*”. E encerra seu argumento enfatizando o caráter de repetição presente nas relações amorosas: “*O amor de transferência possui talvez um grau menor de liberdade que o amor conhecido como normal, que sucede na vida, deixando reconhecer mais a dependência do padrão infantil, mostrando-se menos flexível e capaz de modificação*”.¹⁹⁵

Sua análise da transferência em *Dora* fez Freud atribuir à sua surdez, em reconhecer os elementos que se colocavam no jogo, o fato de sua paciente ter abandonado o tratamento.

Assim, fui surpreendido pela transferência e, por causa desse “x” que me fazia lembrar-lhe o Sr. K, ela se vingou de mim como queria vingar-se dele, e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele. Assim, *atuou* uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento.¹⁹⁶

¹⁹³ FREUD, S. *A Dinâmica da Transferência*. p. 251.

¹⁹⁴ FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 112

¹⁹⁵ FREUD, S. *Observações sobre o amor de transferência*. p. 445.

¹⁹⁶ FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII, p. 113.

É do próprio Freud o grifo na palavra *atuou* acima. Ele enfatizava desta forma uma importante elaboração teórica para todo o edifício de sua jovem ciência, a saber, a repetição. No texto de 1914, Freud é categórico ao revelar a relação entre transferência, resistência e repetição (ou compulsão de repetição), afirmando que: “*Quanto maior a resistência, tanto maior o recordar será substituído pelo atuar (repetir)*”.¹⁹⁷ O amor de Dora do pai para o Sr. K¹⁹⁸ e em seguida, pela transferência na análise, para Freud, assim, podemos reconhecer a relação entre transferência e repetição. Em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914), Freud define a ligação entre estes fundamentos do seguinte modo:

(...) a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido, [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente (...) não apenas na situação pessoal com o médico, mas também em todos os demais relacionamentos e atividades contemporâneas de sua vida.¹⁹⁹

Afirmamos, a partir dos textos técnicos freudianos, que é sobre este ponto que a terapia analítica deve intervir. O analista deve utilizar o *trabalho de recordação* do paciente, proporcionado pelas associações trazidas pelas lembranças encobridoras, para “*impedir que o paciente realize os atos de repetição*”²⁰⁰, do mesmo modo como *Dora* atuou ao abandonar o tratamento com Freud.

Neste ponto, devemos acrescentar um novo fundamento freudiano, ainda baseando-nos na premissa de que as experiências infantis são primordiais para a vida do adulto, são as chamadas lembranças encobridoras. Em *Recordar...*, Freud afirma que:

Em não poucos casos obtive a impressão de que a conhecida amnésia infantil, para nós tão importante teoricamente, é inteiramente contrabalançada pelas lembranças encobridoras. Nestas se conserva não apenas algo essencial da vida infantil, mas verdadeiramente todo o essencial. É preciso apenas saber extraí-lo delas por meio da análise.

¹⁹⁷ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p. 128.

¹⁹⁸ A história relatada por Dora em sua análise inclui o quarteto amoroso formado por seu pai, a Sra. K e o Sr. K, um casal amigo da família, e a própria Dora. Seus sintomas, como Freud relatou no caso publicado, giravam em torno de sua posição como moeda de troca, para o Sr. K, em favor da relação amorosa entre seu pai e a Sra. K. Cf. FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Vol. VII.

¹⁹⁹ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p. 128.

²⁰⁰ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p. 130.

Elas representam os anos esquecidos da infância tão adequadamente quanto o conteúdo manifesto do sonho representa os pensamentos oníricos.²⁰¹

E seguindo as palavras de Freud na seqüência do mesmo texto, temos: “(...) *é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz*”.²⁰² Deste modo, fazemos o paciente trabalhar na transferência com o analista sua compulsão, transformando-a em recordação, pois é sob a forma de uma compulsão de repetição que o adoecimento se revela e faz o sujeito repetir, é preciso, em análise, fazê-lo recordar. Como conseqüência, Freud anuncia sua hipótese do sintoma como retorno do recalado. O inconsciente só aparece em suas manifestações, em seu retorno, que para Santos define-se desta maneira:

Assim como no sintoma, onde o recalado retorna por substituição, aquilo que o sujeito tenta evitar reaparece na forma de falha da memória. Como se a palavra esquecida denunciasse um discurso outro, que passa ao largo da consciência. O encaminhamento freudiano é: onde a palavra erra, é ali que ela confessa.²⁰³

Ainda segundo a autora, é nos textos técnicos que o conceito de repetição será formulado, colocando-a como algo da ordem de uma compulsão, e caracterizando-se, em Freud como o que há de essencial na transferência.²⁰⁴ Em certa medida, o caso *Dora* serviu para que Freud pudesse reiterar suas descobertas de que as relações na vida adulta são baseadas nas relações amorosas iniciais, sendo, de fato, a etiologia das neuroses, e de todas as formas de adoecimento mental, porque produzem sofrimento.²⁰⁵

Como dissemos, é sobre este ponto que a terapia psicanalítica deve intervir. Lembremos do que nos disse Freud a respeito da transferência. Ele adverte ao analista que *as*

²⁰¹ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p. 126.

²⁰² FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p. 127.

²⁰³ SANTOS, L. G. dos. *O conceito de repetição em Freud*. p. 48.

²⁰⁴ SANTOS, L. G. dos. *O conceito de repetição em Freud*. p. 51-2.

²⁰⁵ Apresentamos uma síntese das idéias centrais, ou sobre as quais está assentada toda a edificação teórica da psicanálise. Evitamos citar as obras, pois, neste caso, seria necessário citar toda a produção freudiana.

*dificuldades realmente sérias estão no uso da transferência e que para não fracassar diante da demanda de amor do paciente “a terapia deve ser levada adiante apesar da transferência amorosa e através dela”.*²⁰⁶ E acrescenta mais adiante: “*Conservamos a transferência amorosa, mas a tratamos como algo irreal, como uma situação a ser atravessada na terapia e reconduzida às suas origens inconscientes*”.²⁰⁷

Ainda neste texto de 1915, Freud vai tecendo argumentos que municiam o jovem analista, ou, melhor dizendo, o analista principiante para não cair na armadilha de que todos os analistas podem tornar-se vítimas ou ainda reféns. Ele enfatiza esta condição com a seguinte advertência:

Seria um grande triunfo para a paciente se a sua proposta de amor tivesse efeito, e uma completa derrota para o tratamento. Ela alcançaria aquilo que todos os doentes procuram fazer em análise: transformar em ato, repetir na vida o que devem somente recordar, reproduzir como material psíquico e manter no âmbito psíquico.²⁰⁸

Neste ponto de nosso texto devemos então reconhecer a transferência como resistência, pois, “*O que há de dinâmico na transferência é uma oscilação entre uma abertura ao material inconsciente que se apresenta sob a forma de rememoração e um fechamento, uma interrupção no acesso a esse material, sob a forma de resistência*”²⁰⁹ acrescentamos, ainda, sob a forma de atuação. Tanto *Dora*, quanto *O Homem dos ratos* são exemplares para apresentar o desvio do tratamento provocado pela resistência sob a forma de transferência nos episódios exemplificados anteriormente (a fome saciada e o abandono do tratamento).

Freud inicia o texto de 1914, *Recordar, Repetir e Elaborar*, apresentando a resistência como um componente presente em todo o processo analítico desde os primeiros momentos do emprego de sua técnica, antes mesmo dela ser reconhecida como psicanálise. Da *hipnose* até o uso da *associação livre* verificamos a centralidade da resistência no processo da análise,

²⁰⁶ FREUD, S. *Observações sobre o amor de transferência*. p. 440.

²⁰⁷ FREUD, S. *Observações sobre o amor de transferência*. p. 443.

²⁰⁸ FREUD, S. *Observações sobre o amor de transferência*. p. 443.

²⁰⁹ SANTOS, L. G. dos. *O conceito de repetição em Freud*. p. 22.

levando Freud a reconhecer que: “*O objetivo dessas técnicas [hipnose, associação livre] permaneceu inalterado, sem dúvida. Em termos descritivos, preenchimento das lacunas da recordação; em termos dinâmicos, superação das resistências da repressão*”.²¹⁰

E porque a transferência torna-se o mais poderoso meio de resistência é o que Freud passa a analisar em *A Dinâmica...*, de 1912. Mas é apenas no ano seguinte, no texto de 1913, *Observações sobre o início...*, que nosso autor vai elaborar uma noção capital para compreender o mecanismo de resistência ao tratamento. É sobre o *ganho secundário da doença* que Freud assentará suas interpretações nomeando este mecanismo de defesa, e, conseqüentemente, de resistência ao tratamento, como uma relação de apego do doente à sua doença. Neste ponto de seus escritos técnicos, Freud faz apenas uma rápida alusão ao que, posteriormente, no texto de 1914, *Recordar, Repetir e Elaborar*, ele vai teorizar com a sua noção de compulsão de repetição. E que, como sabemos, um pouco mais tarde em 1920, culminará com a instigante teorização sobre a pulsão de morte.²¹¹

Para Monzani, para entendermos este incessante movimento freudiano de elaboração da teoria, acompanhada de uma prática e uma técnica, devemos seguir, por exemplo, a construção freudiana da pulsão de morte, pois segundo ele:

A chamada “reviravolta dos anos 20” não é, de maneira alguma, a introdução de conceitos absolutamente novos e absolutamente estranhos à rede teórica da Psicanálise até então. Nem é uma pura repetição do já dito, mas sim rearticulação dos conceitos em função de algumas descobertas clínicas e da emergência explícita de um pressuposto fundamental que até esse momento tinha trabalhado subterraneamente na articulação da teoria.²¹²

Monzani conclui, desta forma, seu capítulo dedicado à emblemática noção da pulsão de morte. E com seu comentário confirmamos, mais uma vez, a presença deste conjunto teórico, técnico e prático, afirmando que não há uma prevalência de um dos elementos sobre os restantes. O que percebemos, a partir da imagem de Monzani dos movimentos pendular e

²¹⁰ FREUD, S. *Recordar, Repetir e Elaborar*. p. 126.

²¹¹ Cf. FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Vol. XVIII.

²¹² MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. p. 232.

espiral presentes na construção freudiana é uma ênfase maior, em dado momento, sobre um dos elementos deste conjunto, havendo no momento seguinte a apreciação de um outro elemento em um nível diferente de elaboração. Com os casos clínicos pudemos verificar o quanto a prática clínica foi fundamental para construção das recomendações técnicas de 1911-1915.

Para finalizar, voltamos a nossa questão de como o psicanalista deve intervir nesta *arte do meio jogo* que prima pelo improvisado. Pensamos que é trabalhando a resistência, transformando a repetição em recordação que o paciente pode elaborar e superar seu sofrimento. Entendemos que este é o propósito último de uma análise, que como dissemos distingue-se essencialmente da arte contemplativa e caminha a passos, talvez, mais lentos do que outras ciências, na direção de um conhecimento regido por uma formalidade em sua prática. Mas é preciso encerrar destacando que o trabalho do psicanalista não deve ser confundido, desta maneira, ao trabalho do artesão, daquele que reproduz “um certo tipo de arte” mecanicamente.

Com esta advertência que vem ecoando em nossa pesquisa, pensamos encerrar este capítulo abrindo as portas de nossa próxima discussão, a saber, como Freud pensava abordar de maneira exaustiva o fim de análise? Afinal, em sua clássica analogia ele afirma ser possível tal descrição do final de análise. Mas para isso, como já dissemos, foi preciso dar um salto cronológico e recuperar as noções de final de análise, análise didática e conseqüentemente, formação de analistas, a partir do texto de 1937, *Análise terminável e interminável*.

*Não crê em nada, pois, nada há que traga
 Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
 Quer resistir, e quanto mais resiste
 Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.*

*Sabe que sofre, mas o que não sabe
 É que essa mágoa infinda assim não cabe
 Na sua vida, é que essa mágoa infinda*

Eterna Mágoa
Augusto dos Anjos

CAPÍTULO 3

O final de análise: a morte do rei

Diversamente do que proclamou em sua analogia com o jogo do xadrez, Freud não faz uma descrição sistemática exaustiva sobre o final de análise nos textos técnicos, do período de 1911 a 1915, que propusemos analisar. Fizemos menção à questão do *final de análise* com algumas passagens sobre o *tempo* durante nosso capítulo sobre as *aberturas*. No entanto, estas discretas passagens estão longe de poder ser caracterizadas como exaustivas. Portanto, como anunciamos em nossa Apresentação, fez-se necessário incluir o texto de Freud de 1937, um dos últimos publicados ainda durante sua vida, *Análise terminável e interminável*, que pelo título já revela a temática do final de análise, nossa questão central neste capítulo.

Na seção II deste texto, nosso autor apresenta o tema da duração de uma análise, utilizada para iniciar sua argumentação sobre o final de análise. Freud lança, então, a pergunta seguinte: “*A discussão do problema técnico de saber como acelerar o lento progresso de uma análise nos conduz a outra questão mais profundamente interessante: existe algo que se possa chamar de término de uma análise – há alguma possibilidade de levar uma análise a tal término?*”²¹³ E como consequência de sua pergunta anterior, ele nos ensina que primeiro temos de destacar dois possíveis significados para o que se designa de término de uma análise com a seguinte ponderação:

²¹³ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, p.250.

Temos, primeiro, de decidir o que se quer dizer pela expressão ambígua “o término de uma análise”. De um ponto de vista prático, é fácil responder. Uma análise termina quando analista e paciente deixam de encontrar-se para a sessão analítica. Isso acontece quando duas condições foram aproximadamente preenchidas: em primeiro lugar, que o paciente não mais esteja sofrendo de seus sintomas e tenha superado suas ansiedades e inibições; em segundo, que o analista julgue que foi tornado consciente tanto material reprimido, que foi explicada tanta coisa ininteligível, que foram vencidas tantas resistências internas, que não há necessidade de temer uma repetição do processo patológico em apreço.²¹⁴

Sobre primeiro significado não temos nenhum problema em acompanhar a letra de Freud. Mas ele mesmo adverte que sobre o segundo ponto há de fato problemas cruciais e afirma que:

(...) o que estamos indagando é se o analista exerceu uma influência de tão grande consequência sobre o paciente, que não se pode esperar que nenhuma mudança ulterior se realize neste, caso sua análise venha a ser continuada. É como se fosse possível, por meio da análise, chegar a um nível de normalidade psíquica absoluta – um nível, ademais, em relação ao qual pudéssemos confiar em que seria capaz de permanecer estável, tal como se, talvez, tivéssemos alcançado êxito em solucionar todas as repressões do paciente e em preencher todas as lacunas em sua lembrança. Podemos primeiro consultar nossa experiência para indagar se tais coisas de fato acontecem, e depois nos voltarmos para nossa teoria, a fim de descobrir se há qualquer *possibilidade* de elas acontecerem.²¹⁵

A psicanálise, enquanto um conjunto *prático-técnico-teórico*, é mais uma vez revelada na citação anterior. Então nas seções seguintes (III, IV, V e VI)²¹⁶, Freud abre uma importante discussão acerca da eficácia de uma análise e apresenta três fatores “*que reconhecemos como sendo decisivos para o sucesso ou não do tratamento analítico – a influência dos traumas, a força constitucional dos instintos e as alterações do ego*”.²¹⁷ Ele então passa a relatar de que modo estes três fatores aparecem durante a análise sob a forma de

²¹⁴ FREUD, S. *Análise Terminável e Interminável*. Vol. XXIII, p 250-1.

²¹⁵ FREUD, S. *Análise Terminável e Interminável*. Vol. XXIII, p 251.

²¹⁶ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, pp. 250-280.

²¹⁷ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, p.256.

resistência²¹⁸ ao tratamento. Com estes três fatores, nosso autor atribui ao paciente as dificuldades para um vislumbrado sucesso terapêutico. E apenas no fim deste artigo Freud passa a avaliar a questão que nos parece essencialmente vinculada à escrita de textos sobre a técnica, e que passamos a analisar agora, tratando do problema da formação de analistas.

Daremos, portanto, um salto no texto, chegando à seção VII, para evidenciar o problema da formação de analistas presente neste escrito freudiano, trazendo as seguintes palavras: “*Entre os fatores que influenciam as perspectivas do tratamento analítico e se somam às suas dificuldades da mesma maneira que as resistências, deve-se levar em conta não apenas a natureza do ego do paciente, mas também a individualidade do analista*”.²¹⁹ O que pensamos ser essencial, neste ponto do texto, é a questão da garantia de uma adequada formação para psicanalistas, afinal, é preciso dar conta deste fator interveniente - a individualidade do analista – para analisar de perto a questão da eficácia da psicanálise e, por conseguinte, segundo Freud, de seu término.

Em nossa Apresentação, abordamos o ambiente em que Freud se encontrava ao escrever os artigos técnicos (1911-1915). Demonstramos que as questões relativas à demarcação de sua jovem ciência, conseqüentemente, do que poderia ser chamado e reconhecido como psicanálise, estavam na ordem do dia. Sendo assim, embora não tenha falado exaustivamente sobre a formação de analistas, ou mesmo utilizado esta expressão, temos no trecho seguinte a confirmação de que havia em Freud, uma preocupação em tratar deste tópico em seus artigos técnicos: “*Anos atrás, dei a seguinte resposta à questão de como alguém pode tornar-se psicanalista: ‘Pela análise dos próprios sonhos’*”.²²⁰ E quando avançamos na análise do texto de 1937, vemos a mesma assertiva ecoando em Freud, que

²¹⁸ Este tópico, sobre a resistência ao tratamento foi por nós abordado no capítulo anterior, quando tratamos a noção de transferência identificando-a como elemento teórico essencial da técnica psicanalítica.

²¹⁹ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, p.281.

²²⁰ FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. p. 433.

passara de analista de pacientes²²¹ ao cuidado daqueles que desejavam tornar-se analistas, passando a chamá-la de análise didática²²². Ele diz: “*Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará em sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade*”.²²³ Portanto, podemos inferir que, mais do que relativo à análise de pacientes, o título deste texto, *Análise terminável e interminável*, tem sua relação com esta prescrição da análise didática, imprescindível àqueles que querem tornar-se analistas. E mais ainda, pois, segundo Freud:

Todo analista deveria periodicamente – com intervalos de aproximadamente cinco anos – submeter-se mais uma vez à análise, sem se sentir envergonhado por tomar essa medida. Isso significaria, portanto, que não seria apenas a análise terapêutica dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável.²²⁴

Entramos em terreno insipiente, mas a dificuldade que vamos enfrentar oferece mais fôlego para nossa investigação. Nas passagens citadas acima, Freud afirma ser indispensável ao candidato a psicanalista proceder a uma análise didática, ou seja, não estaria nos livros a possibilidade de aprender o que é ser analista, mas na própria experiência de análise a qual se submeteria o candidato.²²⁵ Percebemos esta preocupação em Freud, principalmente com os escritos técnicos, e também quando analisamos o texto *A História do Movimento Psicanalítico* em nossa Apresentação.

Entretanto, nossa aspiração, ao suscitar esta discussão, limita-se ao interesse que temos em atentar para indagações sobre formação e transmissão em psicanálise, o que nos remete às

²²¹“*Nos últimos anos, dediquei-me principalmente a análises didáticas*”. FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, p.256.

²²²“*Termo empregado a partir de 1922 e adotado, em 1925, pela International Psychoanalytical Association (IPA), para designar a psicanálise de quem se destina à profissão de psicanalista. Trata-se de uma formação obrigatória*”. ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. p. 17.

²²³ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, p.282.

²²⁴ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, p.283-4.

²²⁵ Strachey, o editor da tradução inglesa das obras completas de Freud, informa-nos a respeito da dificuldade de Freud em escrever os *Artigos sobre Técnica*, assinalando que o autor não acreditava na validade destes textos para a formação do analista, que deveria ser baseada principalmente na análise didática. Ele comenta, ainda, que Freud, após os *Estudos sobre histeria* passou 15 anos até publicar o conjunto de artigos que ora chamamos de *Artigos sobre Técnica*. (Cf. FREUD, S. *Artigos sobre técnica*. p. 111-5).

atuais discussões²²⁶ sobre a relevância da história e da filosofia nos programas de formação de ciências, do quanto a ontologia e a epistemologia exercem um papel relevante no aprofundamento do conhecimento acerca da natureza destas ciências. Parece que questões desta natureza, sobre formação, ensino ou transmissão, não foram resolvidas por Freud, mas acreditamos que uma possibilidade de as pensarmos com mais profundidade estaria na exegese dos textos técnicos, uma de nossas tarefas nesta pesquisa. Assim, voltamos mais uma vez à citação inicial de nossa Apresentação, quando Freud compara o aprendizado do jogo de xadrez com as dificuldades na transmissão da psicanálise. Aqui, deparamos com um primeiro indício de uma aparente incoerência, que encontramos no discurso de Freud sobre a importância da técnica para sua transmissão, pois “*apenas o estudo diligente de partidas dos mestres pode preencher a lacuna na instrução*”.²²⁷

Deste modo, vemos anunciar-se uma contradição sobre a transmissão ou o ensino da psicanálise? Parece que não. Lembramos, ainda, que a recusa de Freud em escrever os textos técnicos provinha do seu temor de tornar a psicanálise demasiadamente acessível aos leigos. Pensamos que seu temor era justificado. Pois, ler manuais ou ter acesso aos procedimentos técnicos não é uma garantia de que se irá proceder corretamente. No entanto, sua justificativa pode ser pensada em outros termos, se acrescentarmos nossas indagações acerca do problema da transmissão. Para nós, o verdadeiro temor de Freud, quando hesitava em publicar artigos técnicos, era fornecer material necessário, mas insuficiente para dar o título de psicanalista aos seus sucessores. Se ele sabia que a psicanálise não podia ser transmitida apenas pelos livros, então por que temer em descrever a técnica? Porque seus seguidores poderiam acreditar que, apenas com um dos três pilares – prático-técnico-teórico – que formam a psicanálise, seria possível exercê-la. Freud tinha receio de que toda a comunidade, inclusive seus pacientes, pudesse descobrir o que é a psicanálise através de artigos que explicitassem

²²⁶ Discussões fomentadas durante nossa formação neste PPG em Ensino, Filosofia e História das ciências.

²²⁷ FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p.153

sua técnica – fato comprovado por sua demora em escrever tais artigos, pois verificamos no capítulo 2 que estes procedimentos eram utilizados há mais tempo em sua prática clínica.

Acreditamos, deste modo, que Freud passou a estabelecer um critério para a formação em psicanálise, que deveria contemplar o “*estudo diligente das partidas dos mestres*”, o manejo adequado da técnica, em seus procedimentos iniciais e em sua finalização, e finalmente, (mas, sem dar uma ordem cronológica entre os três fatores) a análise pessoal, ou análise didática. E mais uma vez, teoria, técnica e prática encontram-se atreladas na formação deste conjunto que designamos psicanálise. Havia, portanto, em Freud a indicação desta forma peculiar no ensino desta jovem ciência. E para nós, esta peculiaridade aponta para a confirmação de que este ensino atua também para a renovação desta pretensa comunidade científica. O que nos indica mais uma característica das ciências presente na psicanálise.²²⁸

Mas, embora seja necessária à sua sobrevivência enquanto conhecimento científico, parece que a transmissão da psicanálise envolve elementos que não pertencem, de maneira geral, à formação de um cientista. Encontramos uma pista do que queremos dizer com a afirmação de Freud ao anunciar o quanto o ensino da psicanálise sofre com seus próprios pressupostos. Neste trecho, ele compara o analista em formação aos pacientes em análise, revelando o aparecimento da resistência também durante a formação dizendo que:

Às vezes conseguimos, depois de muito trabalho, fazer com que um paciente apreenda algumas partes do conhecimento analítico e possa lidar com elas como posses suas, e mesmo assim podemos vê-lo, sob o domínio da própria resistência seguinte, lançar tudo o que aprendeu às urtigas e ficar na defensiva como o fez nos dias em que era um principiante despreocupado. Tive de aprender que a mesmíssima coisa pode acontecer tanto com psicanalistas como com pacientes em análise.²²⁹

Sendo assim, neste campo abstruso em que se dá a formação de um analista, temos argumentos, como pretendem alguns estudiosos da psicanálise, para retirá-la do campo das

²²⁸Explicitamos este ponto quando analisamos o texto *A História do Movimento Psicanalítico*, em nossa Apresentação.

²²⁹ FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*. p. 59.

ciências? Parece-nos que não. Freud, como o fundador de uma jovem ciência, estava preocupado em traçar as condições de possibilidade para este reconhecimento, demarcando este novo lugar. Afinal, chegamos até aqui perscrutando os caminhos que nos levassem a reconhecer o conjunto orgânico *prático-técnico-teórico* com o qual nos referimos à jovem ciência freudiana. Pensamos estabelecer, de tal modo, o quanto a técnica de Freud, trazendo a transferência como elemento essencial, baseia-se em fundamentos da teoria que se erigiam em sua prática cotidiana, quando apresentamos as passagens que antecipavam a técnica nos casos clínicos.

Mas o que seria então “*o estudo diligente de partidas dos mestres*”, ao qual Freud refere-se na analogia com o jogo de xadrez e que comporta, então, a peculiaridade desta comunidade? Neste ponto de nossa investigação, introduzimos nossa análise a propósito do convite lacaniano de *retorno a Freud*, para evidenciar que, para nós, “*o estudo diligente de partidas dos mestres*” sedimenta um dos pilares do que deve ser a formação de um analista, ao menos, do modo como Freud pode concebê-la até então.

Desde que Lacan, em sua conferência de 1955, *A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise*, empregou a expressão foucaultiana *retorno a Freud* como palavra de ordem, os analistas, de orientação lacaniana, seguem este convite no seu fazer diário. Lacan afirmava, então, que este retorno significava, naquele momento, uma reviravolta. Pois, Freud havia sido esquecido e o que se professava como sendo psicanálise devia ser reconhecido sob outro nome. Suas palavras voltavam-se ao movimento crescente da psicologia do ego²³⁰, nos Estados-Unidos. Ele revelava assim sua crítica:

Não lamentaremos com vocês esse esquecimento, se ele nos deixa mais à vontade para lhes apresentar o projeto de um retorno a Freud (...) Não é de um retorno do recalco que se trata para nós, mas de nos apoiarmos na antítese constituída pela fase percorrida desde a morte de Freud no movimento psicanalítico, para demonstrar o que a psicanálise não é e, junto com vocês buscar o meio de recolocar em vigor aquilo

²³⁰ Cf. ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. p. 169.

que não cessou de sustentá-la em seu próprio desvio, ou seja, o sentido primeiro que Freud preservava nela por sua simples presença, e que se trata aqui de explicitar.²³¹

É então para compreender este *sentido preservado pela simples presença do mestre* que lançamos a pergunta: “*Por que lemos Freud?*”. Buscamos assim, um aprofundamento através de uma reflexão epistemológica e não em teoria psicanalítica, sobre a questão do retorno a Freud trazida por Lacan. Para tanto, pensamos ser imprescindível recuperar a gênese desta questão indo ao encontro de Foucault para definir em que consiste este *retorno a*.

Foucault definiu este movimento de *retorno à origem* em seu texto “*O que é um autor?*”. Inserido numa discussão mais ampla sobre a função autor, Foucault enuncia o retorno à origem, ao autor, como necessário ao que se constitui em nossa sociedade moderna pela função autor, que:

(...) está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar.²³²

A partir desta definição da função autor, Foucault passa a identificar, neste texto, Marx e Freud como autores “*instauradores de discursividade*”. E porque suas obras “*Abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram*”²³³ que se faz necessário este retorno aos seus textos. Mas, como adverte Foucault, não se trata de redescoberta ou reatualização do que Freud escreveu, pois “*Para que haja retorno, de fato, é preciso inicialmente que tenha havido esquecimento, não esquecimento acidental, não*

²³¹ LACAN, J. *A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise*. p. 404.

²³² FOUCAULT, M. *O que é um autor*. pp. 279-280.

²³³ FOUCAULT, M. *O que é um autor*. p. 281.

encobrimento por alguma incompreensão, mas esquecimento essencial e constitutivo”.²³⁴

Lembramos, então, daquele esquecimento flagrado por Lacan, no texto acima, em relação a Freud e seus discípulos. Presenciamos, com o *retorno a Freud*, a obrigatoriedade de uma leitura que tinha sido esquecida em nome dos avanços da teoria. A leitura dos escritos, dos dizeres de Freud que Lacan passou a acentuar foi um movimento legítimo segundo Althusser: “*A primeira palavra de Lacan é para considerar literalmente esse dito. E dele tirar a consequência: voltar a Freud para buscar, discernir e apreender nele a teoria da qual todo o resto, tanto a técnica quanto a prática, saiu, de direito*”.²³⁵ E com os ditos de Lacan, Foucault e Althusser, pensamos justificar e ampliar o sentido da expressão freudiana “*estudo diligente das partidas dos mestres*”, esta condição para aprender esta arte presente na cena psicanalítica como no *meio jogo* do xadrez, tema central de nosso capítulo anterior.

Joel Birman, na primeira parte de sua tese²³⁶, aduz que este retorno pode ser pensado como um retorno à mitificação da figura de Freud: “*Assim, com raras exceções, todos se colocam como sendo freudianos e discípulos diletos do mestre, herdeiros privilegiados da palavra de Freud*”.²³⁷

Para nós, é preciso, ainda, construir o argumento de que a figura de Freud, enquanto leitura de seus textos, é imprescindível para fazer tanto psicanálise, quanto teoria psicanalítica. Assim, recorrendo ao mestre, talvez estejamos também tentando reverenciá-lo, pois, em psicanálise, além de ciência ou filosofia, tratamos também de transferência e assim, para nós, a figura de Freud se confunde com a de um analista, ou melhor, o primeiro analista. Acrescentamos ainda um argumento de Birman que aponta para esta especificidade da psicanálise, pois:

(...) enquanto no discurso filosófico o que se torna presente é um sistema de pensamento que se transmite numa tradição exegética e

²³⁴ FOUCAULT, M. *O que é um autor*. p. 284.

²³⁵ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan – Marx e Freud*. p.53.

²³⁶ BIRMAN, J. *Freud e a experiência psicanalítica*.

²³⁷ BIRMAN, J. *Freud e a experiência psicanalítica*. p.31

crítica mediante uma disciplina universitária, no discurso científico o que se torna presente são as suas teorias e métodos de investigação através, sobretudo, das incidências tecnológicas fundamentais para o domínio do homem sobre a natureza. Porém, no que diz respeito a Freud a referência se realiza por um discurso que tem na prática psicanalítica o seu interlocutor fundamental.²³⁸

Então, afastando a psicanálise, de hoje, de um discurso científico – ainda do século XIX - podemos começar a entender esta necessidade do retorno a Freud, pois, para as ciências de um modo geral, mas, principalmente, para as ciências naturais, é possível, embora não seja recomendável, que sua história seja esquecida e aparentemente abandonada em seu fazer diário. Recorrer a textos antigos, a pensadores clássicos, não parece fazer parte de uma atividade dita aqui científica. Retornando ao texto de Foucault encontramos argumento que ilustra nossa afirmação, segundo ele:

O reexame do texto de Galileu pode certamente mudar o conhecimento que temos da história da mecânica, mas jamais pode mudar a própria mecânica. Em compensação, o reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise, e os de Marx, o marxismo.²³⁹

A diferença, para Foucault, está em reconhecer Freud como instaurador de discursividade, enquanto que em Galileu trata-se da fundação de uma ciência. Não podemos pensar aqui numa proposta foucaultiana de classificação das ciências? Freud e Marx pertencem às ciências humanas, enquanto Galileu pertence à física, ciência natural.

Temos ainda que analisar um segundo ponto, pois uma posição diametralmente oposta ao das ciências é encontrada na filosofia. O fazer filosófico depende incontestavelmente da leitura de textos, principalmente de textos clássicos. Então pareceria, à primeira vista, que existe uma aproximação maior entre a psicanálise e a filosofia, do que entre a psicanálise e a ciência. Sim, é verdade. Mas há, também aqui, uma distância importante a ser revelada. O fato de ler, analisar e estudar Freud não permite a qualquer estudioso dizer que faz psicanálise, mas apenas, que faz teoria psicanalítica. Como numa ciência que se define em sua prática, por

²³⁸ BIRMAN, J. *Freud e a experiência psicanalítica*. p.24

²³⁹ FOUCAULT, M. *O que é um autor?*p. 285.

exemplo, nos laboratórios, o fazer da psicanálise encontra-se também em sua atuação, na cena analítica.²⁴⁰

E, então, será que a pergunta “onde estará a Psicanálise?”, neste movimento de aproximação e afastamento entre os discursos científico e filosófico ainda persiste? É necessário, para nós, apresentar argumentos sobre esta aproximação ou afastamento, do mesmo modo que procedemos no capítulo 2, quando aproximamos a psicanálise de uma arte, em seu *meio jogo*, e ao mesmo tempo fomos levados a afastá-la, por conta de sua proposta de intervenção no humano. Retornando a Monzani²⁴¹, encontramos um exemplo do quanto a obra de Freud pode ser percebida, ora mais próxima de um discurso científico, ora do discurso filosófico, basculando como um pêndulo, quando percebermos diferenças entre dois importantes textos, *A interpretação dos sonhos* e *Além do princípio do prazer*. Fazemos, assim, uma alusão ao fato de que o projeto de Freud de tornar a psicanálise uma ciência indutiva pode ser pensado a partir da perspectiva dos movimentos pendular e espiral, não havendo nunca um abandono definitivo, mas ocorrendo alterações, até percebermos que o fracasso deste projeto, não podendo ser visualizado por seu inventor, é entendido por nós, como dissemos anteriormente, como uma condição inicial para circunscrever o discurso da psicanálise a um campo de saber específico, definido por seu objeto, o inconsciente.

No seu livro, *Freud: o movimento de um pensamento*, Monzani comenta primeiro sobre *A interpretação dos sonhos*, de 1900, legitimando-a como um discurso científico, ao afirmar que esta “é considerada uma das maiores contribuições científicas de Freud”²⁴² em que:

Pela primeira vez Freud conseguiu reunir um conjunto de noções esparsas, organizar e dar forma a um conjunto de teses e construir um edifício harmonioso, onde todas as peças têm um lugar certo. Foi uma

²⁴⁰ Nesta *prática* há uma captura de seu objeto, o inconsciente, através de uma *técnica* (a associação-livre), alicerçado por uma *teoria*. Retornamos aqui a proposta de Althusser, em identificar nestes três componentes a possibilidade de pensar numa ciência, na edificação de um saber científico.

²⁴¹ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.

²⁴² MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 57

operação complexa que implicou um trabalho gigantesco de refinamento conceitual, de deslocamentos semânticos, de explicitações e fusões, que tiveram como resultado o fato de que, pela primeira vez, o discurso psicanalítico se articulasse como um todo coerente e homogêneo. Não é por acaso que os estudiosos do pensamento de Freud quase sempre a indicam como lugar privilegiado onde o objeto da Psicanálise brilha com toda intensidade.²⁴³

E em seguida, o autor vai abordar *Além do princípio do prazer*, texto escrito em 1920, que traz o conceito de pulsão de morte, verdadeiro divisor de águas para o movimento da psicanálise. Segundo Monzani, aqueles que criticavam a cientificidade da psicanálise encontraram, aqui, argumentos bastante contundentes, identificando a psicanálise a uma espécie de especulação filosófica.

Esses críticos afirmam, a seguir, que Freud, de fato, a partir de *Além do princípio do prazer*, tinha se desviado do reto catecismo imposto pelo trabalho científico e mergulhado no oceano da especulação, especulação que passou a ser imediatamente sinônimo de filosofia, filosofia cosmológica, metafísica e conceitos congêneres, todos lidos à luz de uma censura positivista.²⁴⁴

Sendo assim, neste movimento pendular, “... a teoria freudiana se comporia de um conjunto de investigações laboriosamente efetuadas e codificadas num corpus científico, ao lado do qual existiriam certos produtos ou resíduos teóricos extrapsicanalíticos”.²⁴⁵

Em nossa interpretação, retomando os movimentos pendular e espiral, parece que, a uma certa altura de sua construção, a psicanálise, quando trata de seu método e de seu objeto – em *A interpretação dos sonhos*, por exemplo – toma a forma de uma disciplina científica, enquanto que, quando faz teoria e especula sobre conceitos – em *Além do princípio do prazer*, com a pulsão de morte – tem dificuldade em adequar-se enquanto disciplina científica. Dificuldade que pensamos estar ultrapassada em nossos dias, já que falamos de ciência sob uma perspectiva diferente daquela que Freud vislumbrava ainda no começo do séc. XX. Mas, aqui usamos uma autora, que nos tocou essencialmente em seu desenvolvimento

²⁴³ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 140

²⁴⁴ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 147

²⁴⁵ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*.p. 150

epistemológico acerca da psicanálise. Com o seu *La volonté de faire science*, Isabelle Stengers presenteou-nos com uma das mais belas imagens sobre o fazer científico, dizendo que:

Eu considero que as ciências ditas modernas, nascidas a pouco de quatro séculos, constituem uma aventura singular, profundamente original, apaixonante – e que me apaixona – pelo que elas nos podem ensinar a uma só vez sobre o mundo e sobre os homens que as levam. Eu desejaria assinalar que, quando uma ou outra ciência nos ensinou alguma coisa de que nós não suspeitávamos em relação ao mundo, ela nunca nos decepcionou. Nunca, desde a descoberta da força de atração de Newton até a inimaginável selva de neurônios que habita nossa caixa craniana, ela não empobreceu nossa imaginação, mas sem cessar nos lançou sobre caminhos novos.²⁴⁶

Somamos à imagem trazida por Stengers nossa hipótese da psicanálise fundada sob a moldura da modernidade, afirmando que também a psicanálise deve ser reconhecida, a partir da definição desta autora, como uma ciência. Pois como nos bem disse Freud, a psicanálise prescinde de uma *Weltanschauung*, porque ao pertencer ao campo das ciências deve submeter-se a uma *visão de mundo* científica e não mística ou, ainda, religiosa. Assim, submetemos este adjetivo *ciência* a novas concepções do termo para dar conta desta nova ciência que identificamos na psicanálise.

Foi, também, nosso objetivo nesta pesquisa, nomear a psicanálise como um campo de saber científico, delimitado por seu objeto, mas com especificidades que devem, outrossim, afastá-la dos campos de saber já constituídos, como nos adverte Althusser:

(...) a especificidade de seus “mecanismos” (para retomar uma palavra de Freud), sejam de uma ordem completamente distinta da matéria ou dos “mecanismos” que o biólogo, o neurólogo, o antropólogo, o sociólogo, o psicólogo e o filósofo têm para conhecer. Basta reconhecer esta especificidade (...) para reconhecer à Psicanálise um direito radical à especificidade de seus conceitos, ajustados à especificidade de seu objeto: o inconsciente e seus efeitos.²⁴⁷

²⁴⁶ STENGERS, I. *La volonté de faire science : à propos de la psychanalyse*. p. 35.

²⁴⁷ ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan – Marx e Freud*. p. 62.

Portanto, a psicanálise não é uma ciência *como as outras*, pois não lhe basta a leitura de manuais. Assemelha-se a uma filosofia, quando propõe a leitura analítica ou estrutural, de um autor, mas, ainda assim, não se reduz a isto. Destacamos a necessidade de reconhecer na psicanálise a especificidade de seu uso, de sua técnica, de sua prática e de sua teoria. Lembrando que houve um fracasso, um malogro, neste projeto inicial freudiano, com vistas a uma ciência natural, mas que cabe a nós, seguidores e comentadores, a continuidade deste *desejo* em Freud de curar os males da alma, recorrendo ao método mais eficaz, porque mais científico, resguardando um lugar de notoriedade social, como era a física em sua época.

Sendo assim, concordamos com a posição de Foucault ao creditar ao discurso freudiano o estatuto de instaurador de discursividade, lembrando apenas que ele não exclui a possibilidade da fundação de uma ciência em paralelo a esta discursividade. Trazemos as palavras foucaultianas para dar crédito a nossa investigação acerca da fundação da psicanálise, enquanto ciência por Freud. Foucault afirma, que a psicanálise não é apenas uma edificação científica, mas que ela, na verdade, comporta em si mesma a fundação de uma nova ciência. Porém:

Em compensação, quando falo de Marx ou de Freud como “instauradores de discursividade”, quero dizer que eles não tornaram apenas possível um certo número de analogias, eles tornaram possível (e tanto quanto) um certo número de diferenças. Abriram espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram.²⁴⁸

Em um texto ainda inédito do psicanalista e professor Renato Mezan, intitulado “*Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?*”, este autor faz um percurso apontando o que afirmamos anteriormente sobre o estatuto de ciência necessário à psicanálise, e, encerra sua argumentação dizendo o seguinte:

O objeto da Psicanálise pertence ao campo do humano, seus métodos são similares aos das ciências humanas, seu perfil epistemológico tem muito de comum com o de outras disciplinas humanas: faz sentido

²⁴⁸ FOUCAULT, M. *O que é um autor?* p. 281.

concluir que ela é uma ciência humana, *n'en déplaie* ao *Herr Professor*. Como respondeu Dona Sara ao seu filho, o pequeno Isaac, que lhe perguntava por que os *lockshen* (fios de macarrão) se chamam *lockshen*: “Mas querido, se eles têm gosto de *lockshen*, parecem *lockshen*, vêm em pacotes como os *lockshen* – por que não iriam se chamar *lockshen*?”²⁴⁹

A piada vale para dar o devido lugar às argumentações que formulamos aqui. O terreno é insipiente, então, o humor serve para aplacar nossas dificuldades. Ainda temos o que investigar, entretanto, nosso objetivo, ao empreender tal discussão, foi tentar provar que a psicanálise deve ser considerada como uma escola ou doutrina teórica dentro da ciência psicológica. A ciência psicológica, ou as psicologias, contemplam diferentes (e divergentes!) matrizes teóricas²⁵⁰ de fundamentação filosófica. Deste modo, pensamos que historicamente a ruptura das psicologias com o saber médico/fisiológico seria nosso primeiro argumento para inserir a psicanálise junto à ciência psicológica. A ruptura com o saber médico e a instauração deste novo campo de saber, que hoje tentamos definir como sendo o lugar da subjetividade, é uma tentativa da psicologia em estabelecer uma unidade entre suas escolas.²⁵¹ Mas, como nos adverte Figueiredo:

A única unificação possível se daria, assim, fora do campo da psicologia, no plano de uma crítica histórica e epistemológica à psicologia, como ciência independente, vale dizer, na negação deste projeto, trazendo de volta a psicologia para junto das ciências sociais e da filosofia. Nesta unificação, contudo, as divergências e conflitos não seriam anulados, mas esclarecidos e conservados.²⁵²

Invocamos, então, uma pergunta que ainda poderia suscitar esta distinção entre a psicanálise e as psicologias: podemos dizer que à psicanálise caberia o inconsciente como objeto, enquanto que para a psicologia – ou as psicologias – restaria a consciência?

²⁴⁹ MEZAN, R. *Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?* (Texto comunicado em caráter pessoal pelo autor, ainda no prelo).

²⁵⁰ Cf. FIGUEIREDO, L.C.M. *Matrizes do pensamento psicológico*.

²⁵¹ Cf. FIGUEIREDO, L.C.M. *Matrizes do pensamento psicológico*.

²⁵² FIGUEIREDO, L.C.M. *Matrizes do pensamento psicológico*. P. 206.

Mas, aqui também pensamos encontrar argumento favorável à nossa tese principal. Sim, é verdade que algumas escolas psicológicas não admitem o inconsciente como objeto de estudo, aliás, trata-se de um movimento que ultrapassa nossa ciência e invade o campo da epistemologia.²⁵³ Mas a psicanálise não pode restringir seu campo à novidade de sua teoria, admitir o inconsciente não é de nenhum modo retirar a consciência de seu âmbito teórico. Afinal, o inconsciente, ainda em Freud, só é dado a conhecer através de suas manifestações na consciência, através dela. E, para aqueles que não admitem a “existência” do inconsciente temos em um de seus últimos textos, de 1938, as seguintes palavras de Freud:

Assim também estará inteiramente de acordo com nossas expectativas que os conceitos e princípios básicos da nova ciência (pulsão, energia nervosa, etc.) permaneçam por tempo considerável não menos indeterminados que os das ciências mais antigas (força, massa, atração, etc.).²⁵⁴

Mas então, qual a consequência imediata ao inserirmos a psicanálise como uma ciência psicológica? Pensamos com este percurso iniciar uma discussão que parte do campo da epistemologia retornando à nossa questão anterior sobre a formação de analistas. Admitimos, como na citação de Figueiredo, acima, que para o estabelecimento criterioso de nossa formação é necessário o percurso pela história e pela filosofia, afinal, é apenas através deste percurso que somos capazes de responder perguntas sobre nossa práxis e nosso lugar na sociedade. Com esta citação do filósofo Georges Canguilhem queremos mostrar o quanto o questionamento filosófico tem a contribuir com nossa ciência e o que queremos fazer com ela.

Por conseguinte, é de forma muito vulgar que a filosofia interroga a psicologia e diz: para onde ides, para que eu saiba quem sois? Mas o filósofo também pode dirigir-se ao psicólogo sob a forma de um conselho — uma única vez não cria o hábito — e dizer: quando se sai da Sorbonne pela rua Saint-Jacques, pode-se subi-la ou descê-la; quando se sobe, chega-se ao Panteão, o *Conservatoire* de alguns grandes homens, mas quando se desce, certamente se chega à delegacia de polícia.²⁵⁵

²⁵³ Cf. SERBENA C. A.; RAFAELLI R. *Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos*; CARONE, I. *A psicologia tem paradigmas?*

²⁵⁴ FREUD, S. *Esboço de Psicanálise*. p. 184.

²⁵⁵ CANGUILHEM, G. *Que é a Psicologia?* p. 26.

Sendo assim, concluímos que para tornar-se psicanalista uma formação em psicologia deve ser necessária, embora não seja suficiente. Como também acreditamos que em outras escolas a formação generalista, que deve ser priorizada na formação de um psicólogo, não pode ser considerada suficiente para moldar um profissional especialista, neste segundo momento da formação. Sabemos que na época de Freud o profissional de psicologia ainda não estava instituído²⁵⁶ e o próprio Freud admitiu que uma formação médica não era suficiente para alguém tornar-se analista. Se em sua época a *questão da análise leiga*²⁵⁷ precisou ser discutida, fica evidente, para nós, que era também de um novo profissional que a jovem ciência freudiana demandava/pleiteava.

Sabemos o quanto nossas últimas considerações podem ir de encontro ao que os psicanalistas têm freqüentemente aludido ao tomar para si questões sobre a cientificidade da psicanálise. Assim, usamos Stengers mais uma vez como inspiração para justificar nosso posicionamento um tanto ortodoxo na psicanálise. Ela adverte:

Ninguém é obrigado a se definir como científico. Eu me endereço, portanto, aos psicanalistas que entendem manter as pretensões da psicanálise freudiana, ou se interrogam sobre o tipo de ciência que poderia decorrer do “fracasso” de 1937, como a psicanálise decorreu do “fracasso” de outras técnicas.²⁵⁸

Quando ela afirma que suas palavras têm endereço apropriado, também para nós, é disso que se trata. E quando fala do fracasso de 1937, Stengers refere-se à pergunta que Freud faz acerca da eficácia da psicanálise, no texto que analisamos neste capítulo, *Análise Terminável e Interminável*. Mas para esta autora, resta uma interrogação que foi nosso intuito responder nesta dissertação, “a psicanálise, uma ciência?”.

Seguimos a letra freudiana a partir de uma analogia, aparentemente, descomprometida, mas que em nossa pesquisa mostrou-se essencial à questão da cientificidade da psicanálise.

²⁵⁶ Cf. PEREIRA, M. E. *História da Psicologia: linha do tempo das idéias psicológicas*.

²⁵⁷ Fazemos alusão ao texto clássico de Freud, escrito para justificar e apoiar uma formação não-médica para psicanalistas. FREUD, S. *A questão da análise leiga*. Vol. XX.

²⁵⁸ STENGERS, I. *La volonté de faire science : à propos de la psychanalyse*. p. 67.

Pois, em nossa pesquisa, quando analisamos os artigos sobre a técnica 1) verificamos o que há de essencial nos procedimentos de *abertura* de uma análise; 2) percebemos a necessidade do “*estudo diligente das partidas dos mestres*”, para preenchermos as lacunas presentes na *arte do meio jogo* de uma cena analítica; e com o *final* de análise compreendemos que ao fundar uma nova ciência era de um novo lugar, de outro discurso que Freud falava. Uma vez que para Stengers, “*a cena analítica, desprovida do poder que Freud lhe havia atribuído, perdeu seu sentido, que ela não seja o lugar que Freud havia acreditado construir, não significa evidentemente que nada teve lugar*”.²⁵⁹ É sobre este fracasso, segundo esta autora, que devemos prosseguir, desbravando novos horizontes, afinal, não é disso que se trata quando fazemos ciência?

Assim, para finalizar pensando neste novo horizonte que a psicanálise nos remete a todo instante, fazemos uma menção à analogia ao jogo do xadrez com o nosso título neste capítulo. Uma partida de xadrez tem seu término quando o adversário anuncia “*xeque-mate*”, colocando a morte do rei em evidência. Em nossa análise, pudemos concluir que com o texto de 1937, Freud evidencia os limites de sua técnica. Alertando no final do texto, na página 282, que a psicanálise está entre aquelas “*profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito tempo, são a educação e o governo*”, nosso autor garante aos analistas sucessores que há dificuldades com as quais ele vai lidar em seu fazer diário. Sabemos, depois de nossa investigação, que é uma formação adequada que pode minimizar tais dissabores. Assim, com esta imagem da morte do rei queremos deixar evidenciado o quanto fazer psicanálise requer uma postura mais humilde e menos alienada encerrada em sua prática, nenhum analista pode considerar-se rei na cena analítica, se é capaz de aceitar suas próprias limitações. Aprendemos com Stengers, portanto, que fazer uma psicanálise científica é não nos deixar estagnar, é

²⁵⁹ STENGERS, I. *La volonté de faire science : à propos de la psychanalyse*. p. 65.

saberemos, sem cessar, nos “*relançar sobre caminhos novos*”, avançando com as palavras de Freud. E em seu último parágrafo, no texto de 1937, Freud diz:

Seria difícil dizer se e quando conseguimos êxito em dominar esse fator [o grande enigma do sexo] num tratamento analítico. Só podemos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa analisada todo o incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele.²⁶⁰

Em uma nota de rodapé, nosso autor nomeia “*o grande enigma do sexo*” como sendo a castração. E aqui nossa analogia junta-se ao terceiro grande golpe desferido contra a humanidade que a psicanálise veio trazer. Nas palavras de Freud:

(...) a megalomania humana terá sofrido seu terceiro golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao eu que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente.²⁶¹

Deste modo destituído, o eu rei absoluto de sua razão e consciência, está colocado em xeque. Finalizamos nosso capítulo com esta imagem do sujeito castrado, verificando mais uma vez a pertinência, em nossa pesquisa, da analogia freudiana com o xadrez. Portanto, para Freud, um final de análise pode ser descrito com este analisando deparando-se com sua castração e sua condição inquestionável de ser finito, de sua própria morte. Da morte de quem um dia pensou-se rei. A imagem também deve valer para analistas e candidatos a analistas.

²⁶⁰ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. Vol. XXIII, p.287.

²⁶¹ FREUD, S. *Conferência XVIII: fixação em traumas – o Inconsciente*. Vol. XXII, p. 336.

Passou a DILIGÊNCIA pela estrada, e foi-se;
 E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
 Assim é a ação humana pelo mundo fora.
 Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
 E o sol é sempre pontual todos os dias.
O Guardador de Rebanhos (XLII)
Fernando Pessoa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo pretendeu, através de uma epistemologia da psicanálise, mostrar como Freud escapou ao seu projeto inicial, baseado numa ciência indutiva, apresentando, no entanto, conteúdos suficientes para acomodar sua jovem ciência numa *Weltanschauung* científica. Chegamos ao final desta trajetória acreditando em dever cumprido. Seguimos, desta forma, a letra freudiana a partir de uma analogia ao jogo de xadrez, aparentemente, descomprometida com o tema da cientificidade, mas inteiramente comprometida com a questão da formação de analista. Na analogia, que carece ser repetida nestas considerações finais, Freud diz o seguinte:

Quem desejar aprender nos livros o nobre jogo do xadrez logo descobrirá que somente as aberturas e os finais permitem uma descrição sistemática exaustiva, enquanto a infinita variedade de movimentos após a abertura desafia uma tal descrição. Apenas o estudo diligente de partidas dos mestres pode preencher a lacuna na instrução. As regras que podemos oferecer para o exercício do tratamento psicanalítico estão sujeitas a limitações parecidas.²⁶²

E, a partir desta analogia foi possível analisar os artigos sobre a técnica, escritos entre 1911 e 1915, onde: 1) verificamos o que há de essencial nos procedimentos de *abertura* de uma análise; 2) reconhecemos a necessidade do “*estudo diligente das partidas dos mestres*”, para preencher as lacunas presentes na *arte do meio jogo* que é a cena analítica; e com 3) o *final* de análise compreendemos que ao fundar uma nova ciência era de um novo lugar, de outro discurso que Freud falava. Assim, o tema da cientificidade da psicanálise impôs-se. E em não sendo este o objetivo central de nossa pesquisa, devemos dizer que chegamos ao final tendo podido apresentar algumas novas ponderações em relação ao Freud e sua jovem ciência: a psicanálise.

²⁶² FREUD, S. *Sobre o início do tratamento*. p. 153.

Podemos dizer que foi possível averiguar que em nenhum momento de sua trajetória de fundação da psicanálise Freud tenha negado sua exigência inicial de fazer da psicanálise uma ciência. Em toda sua obra é possível encontrar esta exigência.²⁶³ E foi a partir da constatação desta exigência que pudemos enveredar por este caminho de uma epistemologia ou filosofia da psicanálise. Portanto, foi sobre a cientificidade da psicanálise que versaram estas notas.

Também foi possível afirmar que Freud não negou suas influências filosóficas, ou mesmo a importância da filosofia para aqueles que fazem psicanálise. Estando entre filósofos, que guiaram esta pesquisa, era necessário dar a Freud a oportunidade de ser reconhecido com palavras mais acertadas. Por isso, retornando a um trecho, já citado em nossa Apresentação, temos o seguinte: *“Tive portanto de me preparar – e com satisfação – para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pôde apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição”*.²⁶⁴ Freud refere-se especificamente a Schopenhauer e a Nietzsche nesta passagem.

Mas, podemos acrescentar que de fato Freud fala de um outro lugar. Mas falar de um outro lugar, menos privilegiado que o lugar nobre da filosofia, não é o que faz todo cientista? Nascemos, ciências naturais ou humanas, da filosofia. Mas, por vias obscuras tivemos que tomar outro rumo. A pergunta é: não é esta a lição maior da filosofia, dar a escada e depois retirá-la? Entendemos, deste modo, que tratando de filiação este rompimento mostrou-se necessário, ao menos para aquele projeto inicial freudiano de ver sua psicanálise nos moldes da física ou da química. Como sabemos que este projetou fracassou, embora este rompimento das ciências duras com a filosofia já seja alvo de desconfiança entre os próprios cientistas, propomos que, em não se tratando de uma física ou de uma química, o rompimento inicial da psicanálise com a filosofia seja ultrapassado em nome de uma ciência que se mostra possível

²⁶³ Vale ainda dizer que o nome, psicanálise, criado por Freud é inspirado na química analítica, que *“era a ciência rainha”* em sua época.

²⁶⁴FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico*.p. 19.

na psicanálise, mas, possível, apenas com o amparo de uma história e de uma filosofia. Esta é sem dúvida uma de nossas conclusões da pesquisa.

Também pensamos ter sido possível apresentar a psicanálise pelo seu negativo, por aquilo que ela parecer ser, mas, de fato não é. A psicanálise, com seu vanguardismo e a manutenção do improvisado em sua prática, parece arte. O retorno ao mestre, no estudo diligente dos textos clássicos, parece filosofia. Mas a intervenção perante a natureza humana é tarefa das ciências. E, justamente, este último componente distingue-a dos dois primeiros, do que podemos inferir, a partir do que dissemos em nossos capítulos anteriores, que a psicanálise, sendo ciência, não é uma ciência como as outras. Pois, se afirmamos que nenhuma ciência é como as outras, em vista das especificidades que elas comportam, a psicanálise pode apresentar-se pelo que ela é: formalmente uma edificação científica. Seu conjunto orgânico *técnico-prático-teórico*, mais seu objeto e métodos específicos e, ainda, a manutenção de comunidades, instituições, que viabilizam a transmissão de seu campo de saber e de sua própria sobrevivência, constituem, para nós, requisitos suficientes de um novo modelo para as ciências que vem sendo construído desde o século passado. Para tanto, trouxemos o argumento de Stengers para qualificar esta nova ciência que é a psicanálise, pois em seu argumento toda disciplina que se apropriou do título de ciência “sem cessar nos relançou sobre caminhos novos”.²⁶⁵

Também foi nosso propósito apresentar a jovem ciência freudiana e seu fundador como tradutores da modernidade. Deste modo, nossa pesquisa recolheu imagens que pudessem assegurar esta construção moderna. Utilizamos como exemplo, em nosso segundo capítulo, a distinção moderna e contemporânea entre técnica e arte, apontando como há elementos na psicanálise que divergem de uma técnica, mecanizada em sua essência. Assim, podemos concluir que para lidar com o que denominamos da *arte do meio jogo* na cena

²⁶⁵ STENGERS, I. *La volonté de faire science : à propos de la psychanalyse*. p. 35.

analítica é essencial considerar a transferência como um elemento que dá esta especificidade da técnica. Ainda, para Stengers, é sob a cena analítica, que reside a caixa-preta da psicanálise. E é sobre ela que nós, discípulos de Freud, devíamos voltar nossas perspectivas de pesquisa tendo em vista novos caminhos a descobrir ou inventar.

Acreditamos que tendo este objetivo em perspectiva, nossa pesquisa contribuiu para destacar este lugar singular que é a psicanálise, instauradora de discursividade com uma proposta de intervenção científica no humano. Reconhecemos neste movimento de resistência à mecanização de sua técnica, mediado pelo manejo da transferência, este lugar singular da cena analítica. O que nos leva à conclusão de que mais do que uma técnica mecanizada, na psicanálise lidamos com uma ética.

Vale ressaltar, que agora, apenas em nossa conclusão, podemos avançar no texto freudiano e concordar com os avanços lacanianos, inserindo a psicanálise como uma ética, mais do que uma técnica. Como advertimos em nossa Apresentação, reivindicávamos o direito de encerrar nossa análise à letra freudiana, mas como fica evidenciado após o *retorno a Freud* é forçoso chegarmos em Lacan. Deste modo, a leitura do Seminário VII, *A ética da psicanálise*, de Jacques Lacan nos parece recomendável como indicação para um novo ponto de partida, se pensarmos na continuidade desta pesquisa.

Mas outra pergunta nos persegue, apontando novos caminhos a percorrer, levando em conta o convite de Lacan, é possível pensar em ruptura ou continuidade entre os projetos freudiano e laciano?

Vale indicar, para nós, que ao menos em relação ao projeto de ciência para a psicanálise houve continuidade. É claro que para Lacan já se falava de um outro modo de conceber o adjetivo de ciência à psicanálise. Não se tratava mais de um ciência natural, de um lugar entre as ciências naturais, mas de uma ciência humana²⁶⁶.

²⁶⁶ LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente*. p.499.

Conseqüentemente, verificamos a demanda erigida por este novo discurso fundador de Freud de um modo peculiar na formação de seus discípulos. Incluímos a psicanálise no projeto maior de uma psicologia, ou psicologias, para a fundamentação de uma ciência independente. Atribuindo a necessidade de uma formação em psicologia aos futuros analistas, advertimos, no entanto, não ser esta suficiente, é necessária uma formação específica. No texto de 1926, *A questão da análise leiga*, Freud estabelece critérios para esta formação que se assemelha ao que hoje reconhecemos como parte da formação generalista de um psicólogo: “*Um esquema de formação para analistas ainda tem de ser criado. Deve ele abranger elementos das ciências mentais, da psicologia, da história da civilização e da sociologia, bem como da anatomia, da biologia e do estudo da evolução.*”²⁶⁷ Nesta proposta de currículo resumida por Freud, podemos reconhecer uma formação em ciências humanas, mais do que em ciências médicas. E sua conclusão, no parágrafo seguinte, parece-nos categórica na afirmação de uma psicanálise como ciência psicológica, demandando este novo profissional divorciado da medicina:

Não terá escapado aos meus leitores que naquilo que afirmei presumi como axiomático algo que é ainda violentamente debatido no exame. Presumi, vale dizer, que a psicanálise não é um ramo especializado da medicina. Não vejo como é possível discutir isso. A psicanálise é uma parte da psicologia; (...). A possibilidade de sua aplicação a finalidades médicas não nos deve desorientar.²⁶⁸

Precisamos finalizar estas considerações aludindo a uma imagem que exemplifica nosso percurso e nosso objetivo maior nesta empreitada. Referimo-nos à passagem, já citada de Calvino²⁶⁹, quando respondia sobre o propósito de ler os clássicos. Se ao final desta pesquisa, alguém, por ventura, não compreenda nossos propósitos, damos a mesma resposta de Sócrates, encontrada em Calvino: “*apenas para aprender antes de morrer*”.

²⁶⁷ FREUD, S. *A questão da análise leiga*. Vol. XX. p. 286.

²⁶⁸ FREUD, S. *A questão da análise leiga*. Vol. XX. p. 286-7.

²⁶⁹ Verificar Capítulo 2, p. 54.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Obras consultadas de Sigmund Freud:

Recordar, Repetir e Elaborar. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 27 (51): 136, jul. 1994.

Sobre o início do tratamento. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 29 (54): 153-170, set. 1996.

A dinâmica da Transferência. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 31 (57): 251-258, set. 1998.

O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 31 (57): 259-264, set. 1998.

Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 32 (58/59): 427-436, nov. 1999.

Observações sobre o amor de transferência. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 32 (58/59): 437-447, nov. 1999.

A História do Movimento Psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

A Interpretação de Sonhos. ESB, Vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Fragmento da análise de um caso de histeria. ESB, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Sobre a psicoterapia. ESB. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

O método psicanalítico de Freud. ESB. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Notas sobre um caso de neurose obsessiva. ESB, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. ESB. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

“Fausse reconnaissance” (“dejá raconté”) no Tratamento Psicanalítico. ESB. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

A questão da Análise leiga. ESB. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Psicanálise “Silvestre”. ESB. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Além do Princípio do Prazer. ESB. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise. ESB. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

O inconsciente. Artigos sobre Metapsicologia. ESB. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Conferência XVIII: fixação em traumas – o Inconsciente. ESB. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Conferência XXVII: Transferência. ESB. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Conferência XXVIII: Terapia Analítica. ESB. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica. ESB. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

O Ego e o Id. ESB. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Observações sobre a Teoria e a Prática da Interpretação de sonhos. ESB. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Análise Terminável e Interminável. ESB. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Conferência XXXIV: Explicações, Aplicações e Orientações. ESB. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Esboço de Psicanálise. ESB, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Compêndio de Psicanálise. ESB. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Construções em Análise. ESB. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

2. Outros autores:

ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan – Marx e Freud.* 4ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

BENJAMIN, W. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução.* In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, W. *Sobre alguns temas em Baudelaire.* In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, W. *O Narrador.* In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BIRMAN, J. *Freud e a experiência psicanalítica.* Rio de Janeiro: Livrarias Tauros-Timbre editores, 1989.

BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.* São Paulo: UNESP, 2004.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- CANGUILHEM, G. *Que é a Psicologia?* Piracicaba/SP: UNIMEP, IMPULSO - Revista de Ciências Sociais e Humanas, Volume 11, número 26, 1999.
- CARVALHO, A.C.; FRANÇA, C. P. *Estilos do xadrez psicanalítico: a técnica em questão*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- CARONE, I. *A psicologia tem paradigmas?* São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2003.
- DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1997.
- DERRIDA, J. *A voz e o fenômeno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EVANGELISTA, W. J. *Introdução crítico-histórica: Althusser e a Psicanálise*. In: ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan – Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed., 2000.
- FIGUEIREDO, L.C.M. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FIGUEIREDO, L.C.M. *A invenção do psicológico – quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. São Paulo: Educ. : Escuta, 1992.
- FIGUEIREDO, L.C.M. *Revisitando as Psicologias – da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 2ª. Edição. São Paulo: Educ; Petrópolis:Vozes; 1996.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções*. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOBBSAWM, E. J. *A era do capital*. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
- HOBBSAWN, E. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 9ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.
- KAUFMANN, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- KHUN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 6ª. Edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

- LACAN, J. *Função e campo da fala e da linguagem*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente*. . In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. *O seminário livro VII: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1991.
- LACAN, J. *O seminário livro VIII: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1997.
- LACAN, J. *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LATOUR, B. *Pasteur e Pouchet: heterogênesse da história das ciências*. In: *Elementos para uma História das ciências*. III volume. Portugal: Terramar, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O feiticeiro e sua magia*. In: _____. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 193-213.
- MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.
- MEZAN, R. *Escrever a clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MEZAN, R. *Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?* (Texto comunicado em caráter pessoal pelo autor, ainda no prelo, em abril de 2007).
- MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2ª edição, 1989.
- PEREIRA, M. E. *História da Psicologia: linha do tempo das idéias psicológicas*. Disponível em: www.geocities.com/athens/delphi/6061/linha3.htm. Consultado em 01/06/2007.
- POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. 2ª. Ed. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2004.
- PRADO JR., B. *Georges Politzer: sessenta anos da Crítica dos Fundamentos da Psicologia*. In: FULGENCIO, L. SIMANKE, R. T. (Orgs.) *Freud na Filosofia Brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.
- QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- RODRIGUÉ, E. *Sigmund Freud. O século da psicanálise: 1895-1995*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SANTOS, L. G. *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Educ.: Escuta, 2003

SERBENA C. A.; RAFAELLI R. *Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000100005&lng=pt&nrm=iso>. Consultado em 12/11/2004.

SOUZA, P. C. de. *As palavras de Freud - o vocabulário de Freud e suas versões*. São Paulo: ed. Ática, 1998.

SOUZA, L. S. S. *Freud e o Paradigma Indiciário*. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

STENGERS, I. *La volonté de faire science : à propos de la psychanalyse*. Paris, Collection les Empêcheurs de Penser en Rond, 1992.